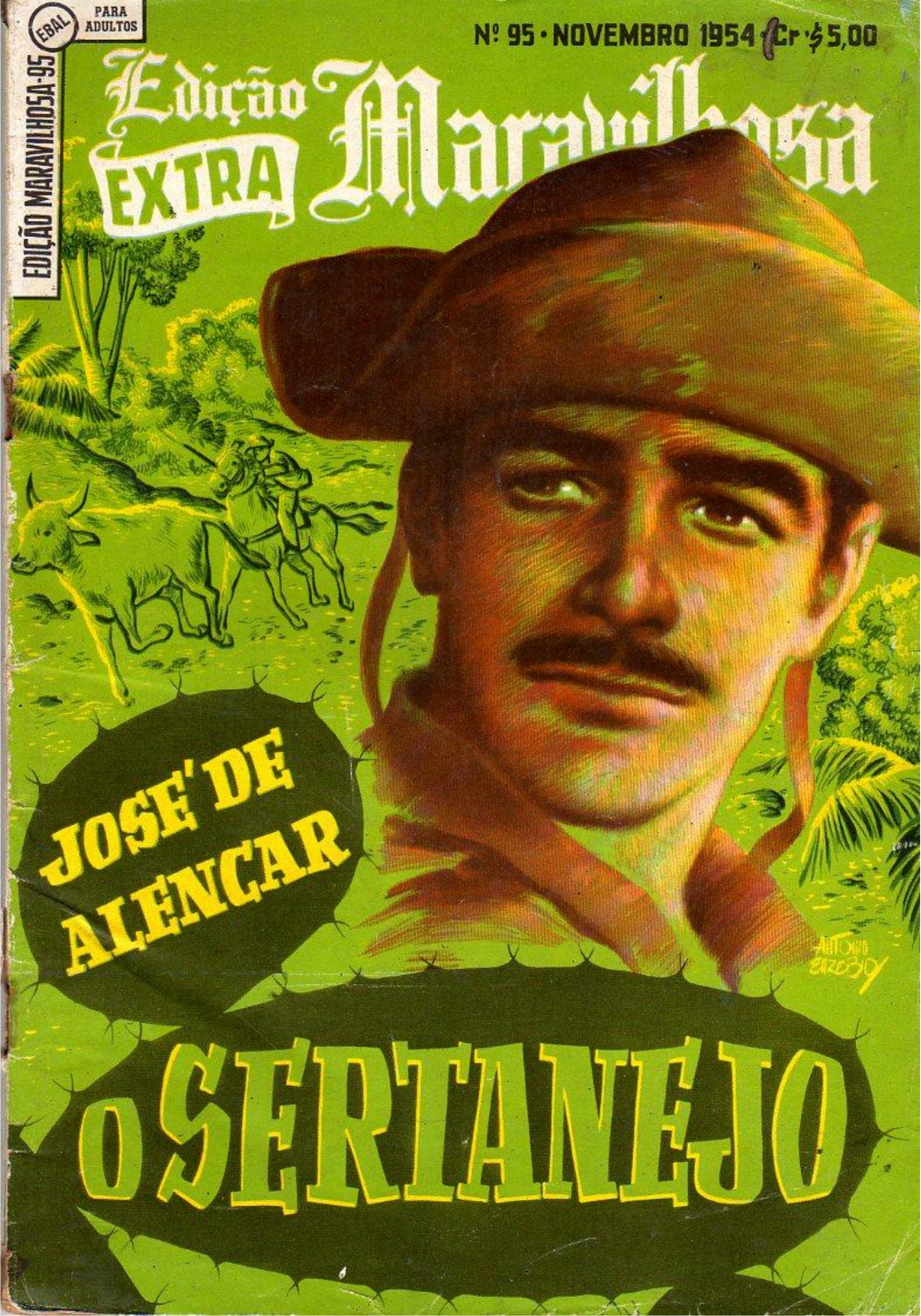

EBAL
PARA ADULTOS
EDIÇÃO MARAVILHOSA-95
Nº 95 · NOVEMBRO 1954 Cr $ 5,00
Edição EXTRA Maravilhosa
JOSE' DE ALENCAR
O SERTANEJO

# Conversa do Diretor



UM leitor das revistas desta Editôra, o jovem *Tercílio Goes da Silva*, da Av. *Joana Angélica, Salvador, Ba.*, escreve-nos para protestar contra a publicação que certa revista de seleções estrangeiras fêz, no mês de setembro, de um artigo intitulado "Roteiro para a delinqüência".

"Imagine o prezado diretor — diz o Tercílio — que o escritor é norte-americano e cita casos em que as histórias em quadrinhos transformaram jovens em malfeitores. Diz também que nenhum menino que leu um clássico em quadrinhos, se interessou, mais tarde, em ler o próprio romance. Eu acho que o autor dêsse artigo pode estar certo lá nos Estados Unidos, mas aqui no Brasil as boas revistas em quadrinhos desenvolvem o interêsse pela leitura e até pelos estudos. Acho também que o autor de "Roteiro para a delinqüência" nunca pegou uma revista da Editôra Brasil-América".

SÃO freqüentes os ataques, em todo o mundo, às histórias em quadrinhos. A acreditar no que dizem delas muitas pessoas, são as histórias em quadrinhos as únicas responsáveis por todos os roubos, todos os crimes de morte, todos os suicídios; pelos assaltos à mão armada, e até pelas guerras. Esquecem-se essas pessoas (que às vêzes se fazem passar gratuitamente por "autoridades" no assunto) de que, antes da existência das histórias em quadrinhos já havia roubos, crimes de morte, suicídios, assaltos a mão armada, fumadores de ópio, e, até mesmo, guerras...

Um dos fatos mais curiosos é que as histórias em quadrinhos são, sempre, atacadas em geral — "as histórias em quadrinhos não prestam"; "as histórias em quadrinhos fazem mal às crianças"; "as histórias em quadrinhos deseducam". Isso dizem aquêles que jamais pensariam em dizer: "Os remédios viciam" (pois não é o ópio um remédio, assim como a penicilina ou o iodo?) ou "a pintura é imoral" (não há quadros de grande imoralidade?) ou "a literatura deve ser abolida, por ser indecente" (quantos livros altamente imorais têm sido publicados?). Realmente, *há* remédios que, usados indevidamente, viciam. *Há* quadros imorais. *Há* livros indecentes. E *também há histórias em quadrinhos que não prestam e que podem, realmente, exercer má influência em quem as ler* — seja o leitor criança *ou adulto*. E são justamente essas *más* histórias em quadrinhos que lançam sôbre tôdas as outras a pecha de "perigosas", "imorais", ou "prejudiciais à infância".

Há muito a EDITÔRA BRASIL-AMÉRICA LIMITADA vem fazendo uma rigorosa seleção das histórias que publica; primeiro, damos grande atenção ao *conteúdo* da história, para nos assegurarmos de que nada haja nela que possa, de qualquer forma, ser considerado exaltação do Mal e diminuição do Bem; nenhum transgressor da lei é jamais apresentado por nós como personagem heróico ou digno de respeito. Pelo contrário, fazemos sempre questão de frisar a verdade, chamando a atenção para a sordidez e o futuro negro daqueles que não se enquadram na Sociedade e não lhe respeitam as leis e a organização. Depois — em se tratando de narrativas de fundo histórico — procuramos sempre conservar-nos estrictamente dentro da verdade histórica. E se, por acaso, publicamos algum romance de *fundo* histórico, mas que não seja verídico em sua totalidade, chamamos a atenção para êsse fato, a fim de que os leitores não julguem que uma obra de ficção seja uma narrativa fiel de fatos realmente passados.

Além de tudo isso, damos grande importância à questão da linguagem usada nas nossas publicações — não só no que diz respeito ao uso de palavras menos delicadas (que não entram, em absoluto, em qualquer das nossas revistas), como também no uso do português, que fazemos questão seja o mais correto possível.

Infelizmente, nem todos os editores de histórias em quadrinhos pensam como nós, e por isso muitas vêzes somos acusados de erros cometidos por outros.

**N.º 95 (EXTRA) ★ NOVEMBRO DE 1954 ★ Cr$ 5,00**

EDIÇÃO MARAVILHOSA (Revista Mensal) ⁂ Publicada pela Editôra Brasil-América Limitada, Especializada em Revistas para Rapazes, Moças e Crianças. ⁂ Direção de Adolfo Aizen. ⁂ Escritórios, Redação e Oficinas em Edifício Próprio: Rua General Almério de Moura, 302 (Antiga Rua Abílio), São Januário. ⁂ Telefone 48-6391. ⁂ Rio de Janeiro (D. F.), Brasil.



O Sertanejo
Romance Brasileiro de JOSÉ DE ALENCAR
Desenhos de José Geraldo
Capa de Antonio Euzébio
Arnaldo
Dona Flor
Cap. Mor Pires Campelo
Marcos Fragoso
Moirão
Velho Jó
Alina
Agrela



*Esta imensa campina, que se dilata por horizontes infindos, é o sertão de minha terra natal.*

*Aí campeia o destemido vaqueiro cearense, que à unha de cavalo acossa o touro indômito no cerrado mais espêsso, e o derriba pela cauda com admirável destreza.*

*Aí, ao morrer do dia, reboa entre os mugidos das reses a voz saudosa e plangente do rapaz que aboia o gado para o recolher aos currais no tempo da ferra.*

*Quando te tornarei a ver, sertão da minha terra, que atravessei há muitos anos na aurora serena e feliz de minha infância?*

*Quando tornarei a respirar tuas auras impregnadas de perfumes agrestes, nas quais o homem comunga a seiva dessa natureza possante?*

J de Alencar

# O SERTANEJO

No fim do século XVIII, quando aí apenas se encontravam de longe extensas fazendas, o viajante tinha de atravessar grandes distâncias sem encontrar habitação que lhe servisse de pousada. A não ser algum afoito sertanejo à escoteira, era obrigado a munir-se de tôdas as provisões necessárias tanto à comodidade como à segurança. Assim fizera o dono de um comboio que no dia 10 de dezembro de 1764 seguia pelas margens do Sitiá buscando as faldas da serra de Santa Maria, no sertão de Quixeramobim. Era o capitão-mor Gonçalo Pires Campelo que, em companhia de sua mulher D. Genoveva, de sua filha, D. Flor, e de numerosa escolta estavam a chegar à sua fazenda da Oiticica, onde pretendiam entrar antes de uma hora.

O sôfrego baio de D. Flor mastigava o freio e espumava, impaciente desde que aspirara as emanações dos campos nativos.

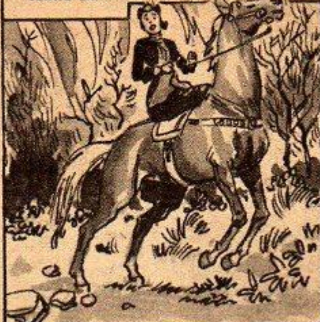


Nesse momento chegavam os viajantes a uma pequena elevação de onde se avistava ao longe a copa verde e frondosa da oiticica existente no terreiro da fazenda a que dava o nome. Um dos subordinados do capitão-mor que trazia a trombeta a tiracolo levou-a à bôca e tocou uma alvorada cujos sons festivos encheram a solidão...



O fogoso cavalo em que montava a nobre dama — já excitado por ter reconhecido o ambiente em que nascera — ao ouvir o toque da trombeta se arremessou impetuoso pelo caminho da fazenda... D. Flor deixou-o correr livremente, e, breve, desapareceu encoberta pelo mato aí mais fechado. De repente, o brioso cavalo estacou espavorido, com o pêlo híspido e as ventas insulfladas pelo terror!

Nisso, levantou-se no mato um fortíssimo estrépito que rolava como o borbotão de uma torrente; e a moça viu, tomada de espanto, um turbilhão de fogo a assomar ao longe e precipitar-se contra ela.



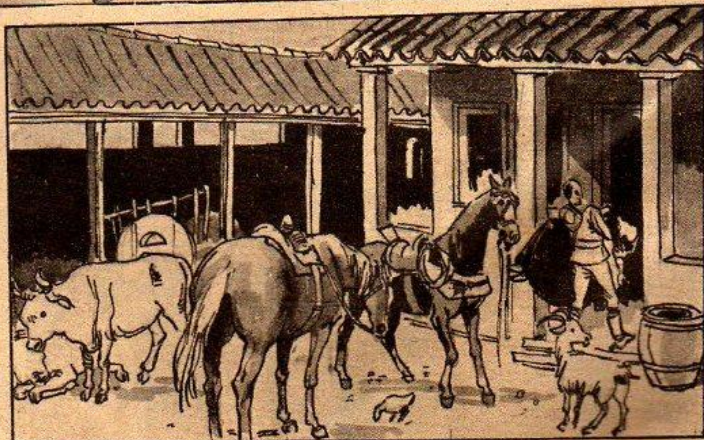
A donzela fêz um supremo esfôrço para arrancar seu cavalo do estupor que lhe causava o terror do incêndio. Negros rolos do fumo, porém, a envolveram. E, sufocada pelo vapor, ela sentiu desfalecer-lhe a vida. Ela apenas pôde murmurar uma palavra que lhe resumia tôda a sua aflição...






O corpo desmaiado resvalou pelo flanco do baio, mas não chegou a cair. Um braço robusto o suspendeu quando já a fralda do roupão de montar arrastava pelo chão. É que, ao ver o perigo em que estava a jovem, um sertanejo que caminhava à escoteira — a par com a comitiva, mas por dentro do mato — logo galopara em sua direção. No mesmo instante achava-se perto da rapariga, a quem tomara nos braços. Para salvá-la era preciso voltar antes de fechar-se o círculo de fogo, que já o cingia por todos os lados, com exceção da estreita nesga de terra por onde acabava de passar.

Para rodear a coluna de fogo que lhe cortava o caminho da fazenda, teve o sertanejo de dar grande volta que o levou aos fundos da habitação, completamente deserta nesse momento, pois todos os moradores, avisados pelo toque da trombeta, haviam acorrido para o terreiro da frente a receber os donos e festejar a chegada dêles. Saltou o sertanejo em terra, sem esperar auxílio, e, atravessando a varanda...



...deitou o corpo desfalecido de D. Flor no longo canapé de couro adamascado que ornava a sala principal. Não assustava ao sertanejo a imobilidade da jovem; conheceu êle que não passava isso de um simples desmaio causado pelo vapor do incêndio

Ajoelhou então o sertanejo à beira do canapé; e tirando do peito uma cruz de prata, que trazia ao pescoço, murmurou uma oração à Virgem Santíssima, como ação de graças por haver permitido que êle chegasse a tempo de salvar aquela inocente mulher. Tênue suspiro exalou dos lábios já rosados de D. Flor; e, à medida que ela ia voltando a si, o sertanejo se afastava de costas, em direção à varanda. Já próximo à porta, violenta comoção o abalou. Dos lábios da moça se desprendera em mavioso queixume um nome, e êsse era o seu...

*Arnaldo!*

Irresistível impulso o arrojou para a donzela; mas, como o cedro que o vento reclina sem arrancá-lo do solo, o sertanejo tinha dentro da alma um poderoso sentimento que lhe encadeava os assomos da paixão. Foi lentamente e com supremo esfôrço tornando do primeiro elance, até que, arrancando-se ao encanto que ali o prendera, desapareceu da sala.

Tôda a gente da fazenda esperava que aparecesse a cavalgada para recebê-la com as alvíssaras, toque e aclamações de alegria que eram de uso em tais ocasiões. Mas, D. Genoveva, sem atender às festas com que a saudavam, apenas entrou no terreiro foi em altas vozes perguntando pela filha: "Flor? Onde está Flor?" Esta pergunta deixou a todos surpresos. Não podiam compreender como a dona da casa lhes pedia notícia da filha, que deveria estar justamente chegando com ela. Nisso, um grito soou ali perto, a todos fazendo estremecer...







Entre as mulheres que cercavam a dama e sua filha, nenhuma tomara maior parte nas aflições, como nas alegrias maternais, do que uma sertaneja alta e robusta, que mostrava no semblante rude, porém, amorável, uma franqueza de cativar. Era essa a Justa, a ama de D. Flor. Apenas se desprendeu dos braços de sua mãe, D. Flor se atirou com efusão aos de Justa.





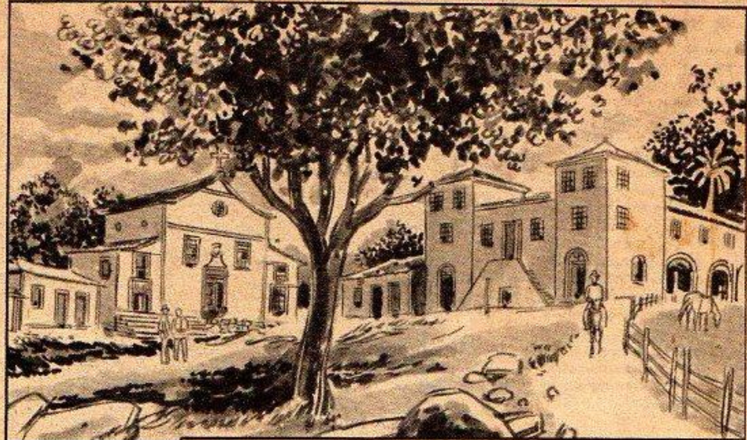


A maneira por que a donzela fôra salva do incêndio ficou sendo um mistério. A maior parte da gente da fazenda atribuiu o caso à influência divina, e acreditava que Nossa Senhora da Penha fizera um milagre em favor da menina, e pela intercessão da Justa. Outras, sem afirmar, supunham que a menina, trazida à casa pela disparada do cavalo (que foi encontrado depois atado ao pilar da varanda...) apeara ainda fora de si, entrara e caíra desmaiada de susto no sofá, não se recordando dessas circunstâncias devido ao abalo que sofrera.



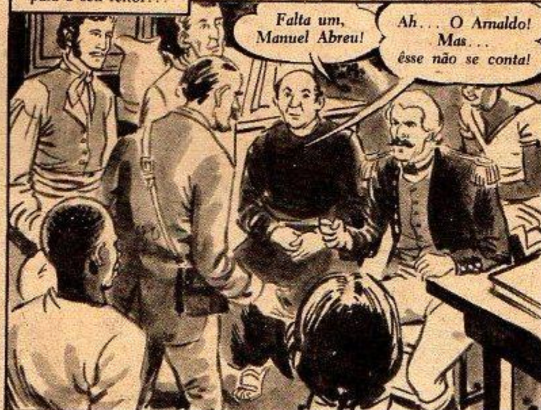
Quanto a D. Flor, cogitando depois sôbre o acontecimento que ameaçara sua existência, recordava-se de um grito que ouvira ao perder os sentidos, e de um vulto que surgira de repente a seus olhos já anuviados. Mas, essa impressão que ao despertar exalava-se em um nome murmurado à flor dos lábios, seria a fugaz reminiscência deixada pela confusa realidade, ou ilusão apenas da fantasia turbada pela vertigem?

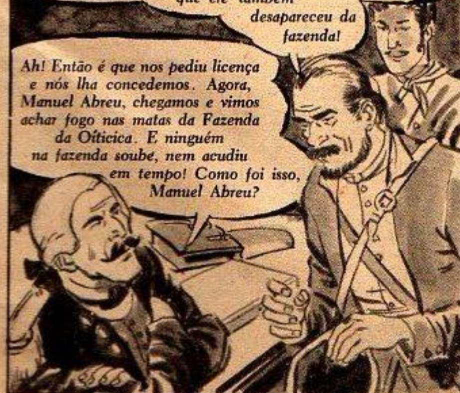
A morada da Oiticica assentava a meio lançante em uma das encostas da serra. Na frente elevava-se a frondosa oiticica de que viera o nome à fazenda. As casas da opulenta morada eram tôdas construídas com solidez e dispostas de maneira que se prestariam, sendo preciso, não sòmente à defesa contra um assalto como à resistência em caso de sítio.



Tal, era a herdade a que chegara o capitão-mor nessa tarde de 10 de dezembro de 1764. Tornava êle do Recife, onde à volta de cada três anos costumava fazer uma viagem. Dessa vez levara a família, para mostrar a capital de Pernambuco a D. Flor, que ainda não a tinha visto; pois só para visitar a avó em Russas ou para assistir aos ofícios da Semana Santa no Icó havia a donzela alguma rara vez deixado a Oiticica, onde nascera. Ao cabo da jornada fôra o capitão-mor atalhado pelo fogo, que afinal conseguira extinguir com sua gente. E, já na fazenda, deu audiência de chegada a tôdas as pessoas — desde o capelão e o feitor até ao último dos escravos. Todos vieram saudá-lo e dar-lhe as boas vindas.

Depois que passou o último da turma, volveu o capitão-mor os olhos para o seu feitor...






Dirigiu-se o fazendeiro ao pórtico da casa e entrou na sala pintada de florões a fresco, e guarnecida de móveis de jacarandá forrados de moscóvia com tachas de prata. Ali estavam D. Genoveva e a filha, que se levantaram para recebê-lo. Então, só então, quando todos os seus deveres de dono da propriedade estavam cumpridos, consentiu o capitão-mor que afinal pulsasse o seu coração de pai. Cingindo com o braço o talhe de D. Flor, cerrou-a ao peito.




Entrementes, Arnaldo procurava esclarecer as causas do incêndio. Deu soga ao cavalo e desceu rápido a encosta rodeando para sair em uma várzea a cêrca de meia légua da casa da fazenda, ao longo de uma das vertentes da serra e cabeceiras do rio Sitiá. Do lado oposto crescia um arvoredo vistoso, apesar da estação, e que abrigava sob a rama verdejante uma choça cujo côlmo era de palha de carnaúba, como do tronco eram os esteios e a cumeeira. Arnaldo dirigiu o cavalo para lá...




Na cabana...









"Não sairás assim por teus pés, que deixarias o rumo para te buscarem." — Proferindo essas palavras, o mancebo carregou o velho nos ombros até dentro da mata, e o pousou em uma cepa de gameleira. Tornou então atrás, cortou uma palma de carnaúba e entrou na cabana, onde apagou os vestígios que aí tinham deixado seus passos. Depois saiu andando sempre de costas, e foi apagando os rastos deixados ao passar.

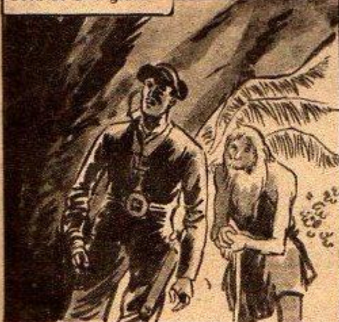
E, assim, chegou de novo ao lugar onde deixara o velho Jó.



Carregou-o outra vez Arnaldo, nos ombros, e dessa vez levou-o até um bamburral espêsso e impenetrável, que embrenhava as fragas alcantiladas de um grupo de penhascos.



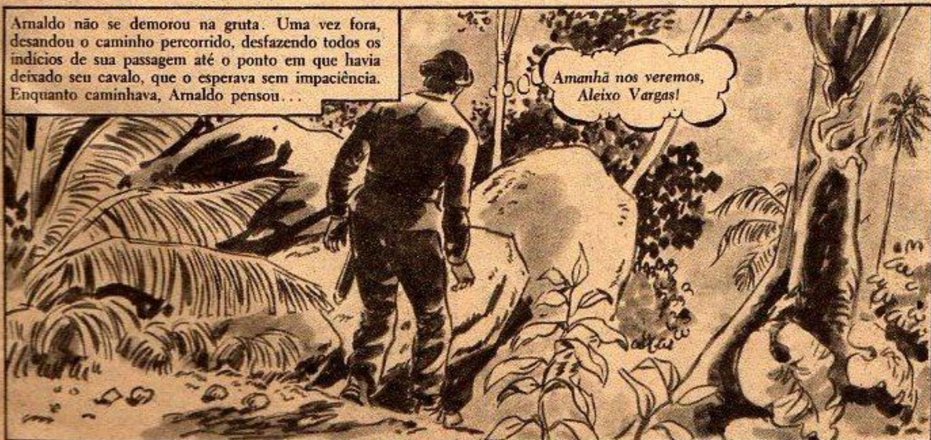
Mergulhando por baixo dessa espessura, em um ponto onde mais fechada se mostrava, o sertanejo surgiu ao cabo de algumas braças em uma fenda de rochedo que formava a bôca de uma gruta.

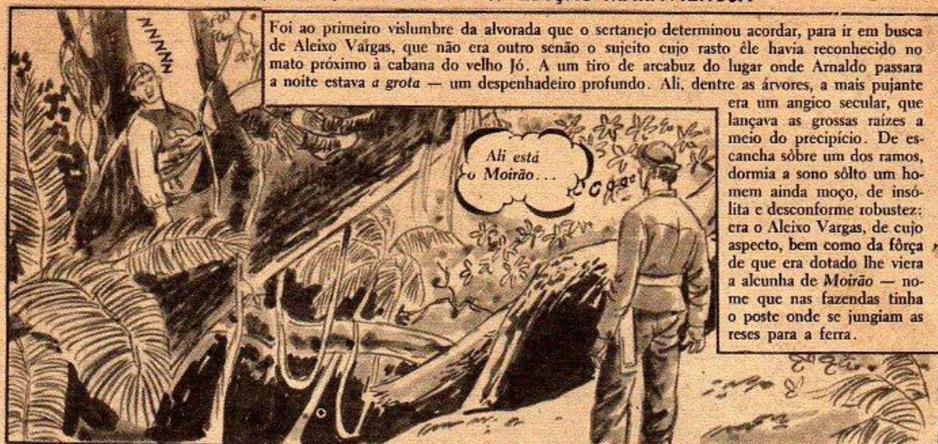


A poucos passos, achou-se em uma cripta aberta na rocha viva. O sertanejo triscou fogo e acendeu um rôlo de cêra amarela guardado numa grêta da pedra. A um canto via-se uma cama de couro de boi, e da parede pendia uma canastrinha também de couro de boi em cabelo.




Arnaldo não se demorou na gruta. Uma vez fora, desandou o caminho percorrido, desfazendo todos os indícios de sua passagem até o ponto em que havia deixado seu cavalo, que o esperava sem impaciência. Enquanto caminhava, Arnaldo pensou...




NNNNN
Foi ao primeiro vislumbre da alvorada que o sertanejo determinou acordar, para ir em busca de Aleixo Vargas, que não era outro senão o sujeito cujo rasto êle havia reconhecido no mato próximo à cabana do velho Jó. A um tiro de arcabuz do lugar onde Arnaldo passara a noite estava *a grota* — um despenhadeiro profundo. Ali, dentre as árvores, a mais pujante era um angico secular, que lançava as grossas raízes a meio do precipício. De escancha sôbre um dos ramos, dormia a sono sôlto um homem ainda moço, de insólita e desconforme robustez: era o Aleixo Vargas, de cujo aspecto, bem como da fôrça de que era dotado lhe viera a alcunha de *Moirão* — nome que nas fazendas tinha o poste onde se jungiam as reses para a ferra.
Ali está o Moirão...


Salve-o Deus, Aleixo Vargas! Pelo que mostra, não teve lá muita saudade do seu catre na fazenda... De poleiro cá pelas matas...
AHN?
Ah... É você, Arnaldo?


Não sabe que me despedi do Campelo? Deixei duma vez o homem por não poder mais aturá-lo.
Você é uma barra, Aleixo Vargas. Não foi debalde que lhe puseram o nome de Moirão!


Ah, isso cá de pulso não se fala! Ainda não encontrei homem para mim, nem touro! Mas, na ligeireza, a ser verdade o que se conta, não há por tôda esta ribeira quem lhe deite poeira nos olhos!
De que serve a ligeireza, senão para fugir?


Depois de provocar o *Moirão*, Arnaldo fêz com que êle descesse da árvore.
Suponha, Aleixo, que em vez de companheiros éramos dois sujeitos que se traziam de ôlho e que aproveitaram esta ocasião de se descartarem um do outro.
Ande para cá, rapaz, que há de ver o que é um barra!




Arnaldo o amparou para que não caísse e o deitou sôbre a relva. Ao cabo de alguns instantes, Arnaldo ergueu o busto do *Moirão* e o encostou ao tronco de uma árvore. O colosso estava ainda meio aturdido.

*Aleixo Vargas, eu sou seu amigo. Duvida?*

*Do Arnaldo, não, que me livrou êle do dente dos tapuias!*

*Quanto a isso, não me deve reconhecimento, Aleixo Vargas.*

*Obrigado, rapaz!*

*No entanto, foi você quem deitou o fogo à mata, por detrás da cabana do Jó, junto ao rasto do velho, que vai ser acusado por essa maldade! O capitão-mor e a família podiam estar reduzidos a cinzas!*













Moirão se enfronhou em uma carranca, sinal de profunda cogitação. Afinal, reconhecendo-se incapaz de resolver a terrível colisão, deu um murro na testa e arrancou pelo mato afora. Era êsse um meio físico de atenuar a dificuldade de sua posição, subtraindo-se por enquanto ao dilema fatal em que se achava colocado: entre a honra e a amizade.

Era por formosa manhã de dezembro, a terceira que raiava depois da chegada do capitão-mor à sua Fazenda da Oiticica. D. Flor, retida em casa no primeiro dia pela fadiga da jornada, e no segundo pelos chuvisqueiros que tinham encharcado o terreiro, aproveitou a bonita manhã para rever os lugares da infância, depois da longa ausência.



A donzela deu volta ao redor do edifício e foi sair próxima ao casalinho de Justa. A sertaneja acabava de ordenhar suas cabras. Quando Justa viu a poucos passos sua filha de criação, levantou-se com ímpeto de contentamento...




D. Flor, a rir, começou a beber de um púcaro do leite tirado havia pouco. E, enquanto conversavam, D. Flor contou um estranho fato que se passara com ela na viagem de ida ao Recife...







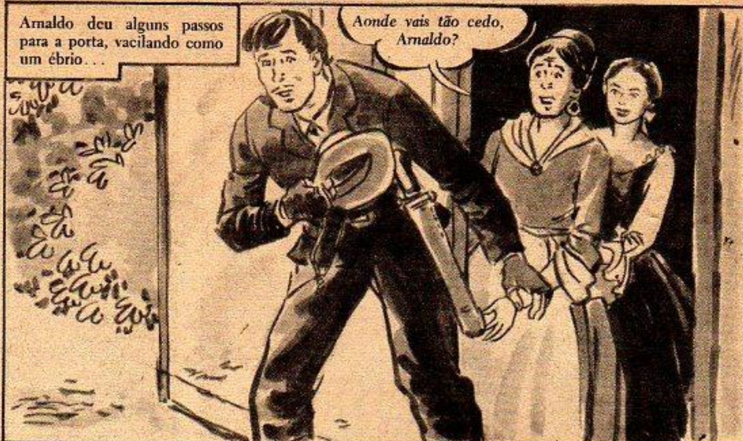
Nesse momento, Arnaldo surgiu na porta. O sertanejo dos dias antecedentes, livre e indômito, ficou lá fora; quem entrou foi um mancebo tímido e acanhado, no qual, todavia, a aparência rústica do trajo e o enleio do gesto não escureciam a nativa beleza e o molde airoso do talhe.

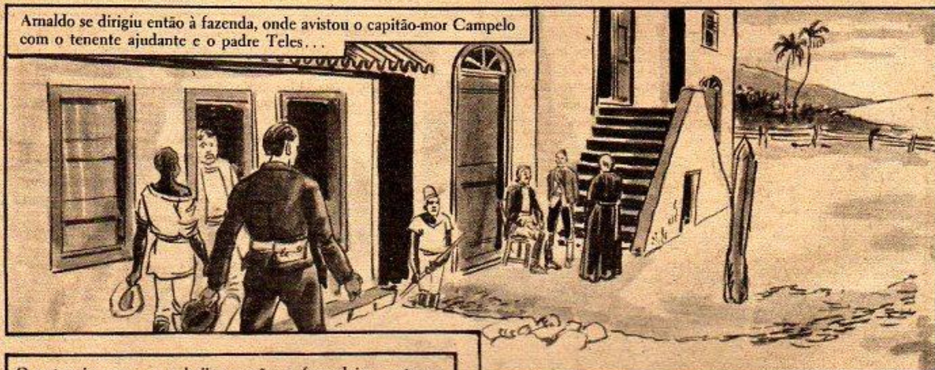



O filho e a mãe se abraçaram estreitamente. Depois dêsse desafôgo das saudades, Justa levou o filho pela mão até o lugar onde ficara D. Flor. Ou por espontâneo movimento, ou para se subtrair ao enleio da situação, Arnaldo voltou-se para a cabra que lhe seguira os passos e estendeu-lhe as mãos.



Arnaldo não se animara a cingir o talhe da donzela. Se lhe tocara o corpo, fôra por impulso de sua mãe. Logo recuara, porém, para esconder a comoção. Colava a mão sôbre o peito, para comprimir o coração que saltava como um potro selvagem...




O sertanejo curvou-se e beijou a mão ao fazendeiro, costume patriarcal já em voga no sertão e que êle praticava por um impulso dalma, pois habituara-se desde a infância a respeitar no velho Campelo um outro pai. Arnaldo e o tenente Agrela trocaram fria saudação. Havia entre ambos um afastamento que já o capitão-mor havia percebido com pesar, pois desejava ligar entre si os dois mancebos, como os trazia unidos em sua afeição. O tenente ajudante foi-se arredando à feição de retirar-se...




O capitão-mor começou a conversar com Arnaldo, que lhe contou de modo pitoresco alguns episódios relacionados com um casal de onças que de há muito vinha rondando as reses. O capitão-mor sorriu e passeou um momento enquanto compunha novamente com sua costumeira expressão de gravidade a fisionomia.















O primeiro impulso de Arnaldo foi desabrir-se contra a resolução que o velho capitão-mor acabava de anunciar com a fórmula solene da vontade. Mas reservando-se para defender mais tarde e no momento preciso sua liberdade, conteve-se nessa ocasião. Se opusesse à tenacidade do fazendeiro seu caráter indomável, o choque haveria de ser terrível.



Arnaldo teve um sobressalto.

*Diga-me onde anda o velho Jó, que deitou fogo no mato da fazenda, na tarde de nossa chegada*

*Asseguro ao senhor capitão-mor que não foi o velho Jó quem deitou fogo no mato. Sei onde está Jó...*

*...mas não sou denunciante nem esbirro.*

*Mas é um rapaz estonteado! Manda-lhe o capitão-mor Gonçalo Pires Campelo que vá buscar o velho Jó!*

Arnaldo, em cujo semblante perpassou uma sombra de melancolia, levantou a cabeça e cruzou o olhar sereno com o irado lampejo do velho.

*Ao senhor capitão-mor Gonçalo Pires Campelo, digo-lhe eu, Arnaldo Louredo, que não!*

O fazendeiro estendeu a mão para travar do braço do mancebo; êste, porém, restraíu-se de um salto e colocou-se à distância. Foi então que a ira terrível do velho fêz-se explosão, estalando como a cratera de um rochedo vulcânico ao arremassar a lava.

AGRELA!

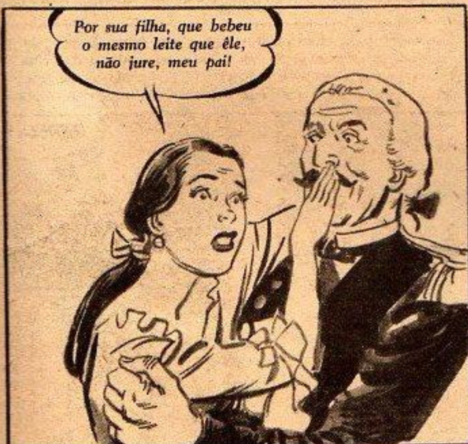
Êste brado, que êle repetiu três vêzes uma sôbre outra abalou os ares, estremecendo a casa e reboando pelos ecos da montanha. O ajudante acudiu e o terreiro se encheu de homens de armas e escravos que haviam acorrido ao brado do fazendeiro. Todos tinham avistado de longe o capitão-mor, que se voltara um instante, e Arnaldo em pé junto ao banco da oiticica.

*Agarre-me êsse atrevido! Que é de...?*

*Eu o vi... perto dêsse banco!*

Ao voltar-se, o capitão-mor não vira mais Arnaldo. O sertanejo desaparecera de maneira incompreensível. Já a êsse tempo haviam saído ao terreiro D. Genoveva e a filha, inquietas pela irritação do fazendeiro, cuja causa vieram a saber ali. Veio Agrela comunicar a inutilidade das pesquisas feitas nos arredores, para descobrirem Arnaldo



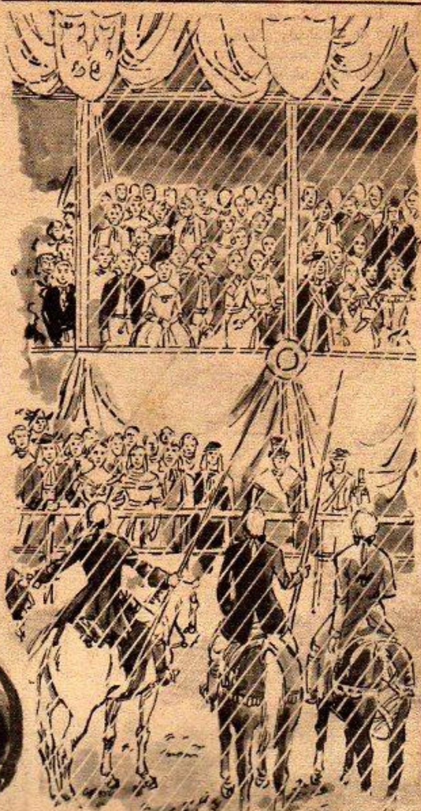




O velho quedou-se um instante, ao cabo do qual, travando a mão de D. Flor, caminhou com ela para casa. D. Flor tinha destinado essa manhã para abrir seus baús e tirar o que trouxera do Recife. Para ajudá-la, chamou Alina, que era filha de um parente remoto de D. Genoveva; ficando órfã em tenra idade, o capitão-mor, a pedido da mulher, a tinha recolhido com a mãe viúva, prometendo educá-la e arranjá-la. Alina era, pois, a jovem que o fazendeiro destinava para noiva de Arnaldo. Era loura e muito bonita.

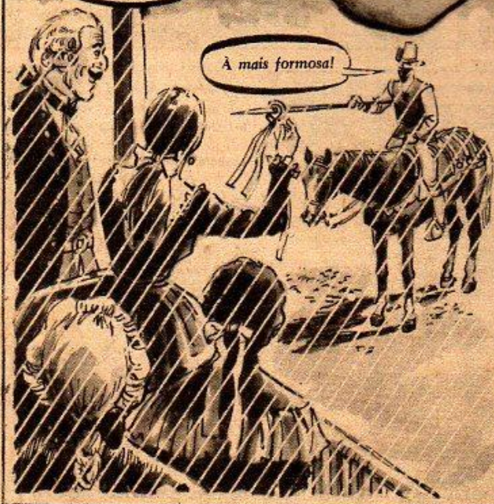
D. Flor foi tirando do baú as galantarias de tôda sorte, das mais finas e custosas que então se vendiam no Recife. Pegou numa faixa de chamalote azul, passou-a a tiracolo prendendo-a ao ombro direito com um broche de ouro e mostrou a Alina, com a ponta dos dedos, as letras bordadas na fita; havia ali um dístico lavrado a fio de ouro em uma e outra banda da faixa...








"...e eu recebi um anel que me ofertou na ponta de sua lança um dos vencedores, o capitão Marcos Fragoso, dono da Fazenda do Bargado. Mas êste outro argolão de ouro é outra história: num mastro, no meio da praça, suspenderam de um fio de sêda êste argolão, com as fitas a voar como se fôssem galhardetes. Era o prêmio mais cobiçado por todos os cavaleiros, e o vencedor poderia ofertá-lo à dama de seus pensamentos. Da primeira investida nenhum tocou na argola; nem da segunda; e muitos dos campeões se levantaram tanto dos arções, na ânsia de atingir o argolão, que rolaram por terra. Na terceira investida, poucos restavam; o Marcos Fragoso, que ia na frente, com um bote certeiro enfiou a ponta da lança no argolão! Mas, ao mesmo tempo, outro cavaleiro que vinha contra êle à disparada, enfiou a lança pelo outro lado, de modo que os dois ferros ficaram atravessados em cruz! Não se soube quem era o outro cavaleiro, pois tinha um lenço amarrado no rosto, deixando-lhe apenas os olhos a descoberto. Os dois campeões forcejaram para arrancar o argolão; foi aí que o desconhecido correu sôbre o seu contrário e arrebatou-lhe a lança da mão. Todos aplaudiram a façanha, menos o Fragoso, enquanto o vencedor, chegando ao palanque onde eu estava, apresentou-me o argolão na ponta das duas lanças..."











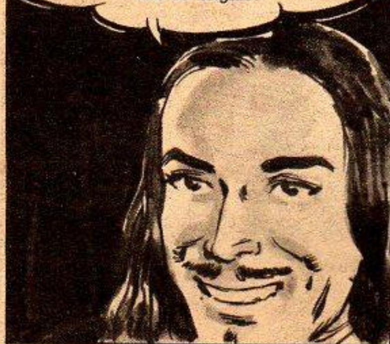


Nesse momento, o capitão Marcos Fragoso — pois era êle mesmo que chegava — avistando as jovens fêz com o chapéu profunda saudação a D. Flor, que respondeu confusa recolhendo-se da janela. Entretanto, o capitão-mor Campelo, saindo ao patamar, convidava os hóspedes a entrar.



Depois de alguns cumprimentos o capitão-mor convidou os recém-chegados a que entrassem. Era costume de tôdas as grandes fazendas não deixar partir os hóspedes sem os regalar; e isso usavam os ricaços, não tanto por obséquio e satisfação dos estranhos, como principalmente por ostentação. D. Genoveva ordenou os aprestos necessários e, em poucos instantes, tudo estava preparado sôbre uma mesa coberta de ricas alfaias. À mesa não compareceram D. Genoveva nem D. Flor e Alina; o capitão-mor, acompanhado de seu ajudante Agrela e de seu capelão, padre Teles, fêz as honras do banquete.



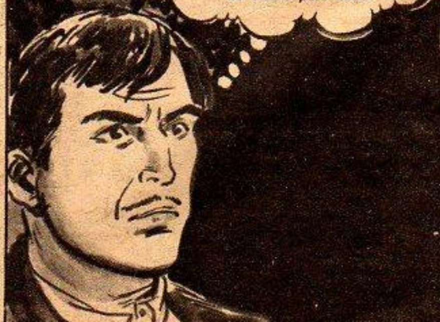

Era meio-dia quando os viajantes se despediram do capitão-mor Campelo, depois de agradecerem a fidalga hospitalidade que tinham recebido. Quando transpunham o terreiro, o capitão Fragoso voltou-se de chôfre e logrou seu intuito — que era o de surpreender as duas jovens à janela, a espiar a cavalgada. O mancebo inclinou-se, cortejando-as com o chapéu.



Enquanto D. Flor respondia, com polido recato, Alina, que se esquivara, avistou de repente entre a ramagem das árvores o vulto de Arnaldo, cujas feições tinham nesse momento sinistra expressão. Quando afinal se apagou o último ruído da cavalgada, Arnaldo vergou a cabeça ao peito, e assim permaneceu longo tempo, imerso em tristeza profunda e acabrunhado por uma dor como nunca sentira.

Absorto como estava, o sertanejo se afastou màquinalmente da casa, na direção da serra...

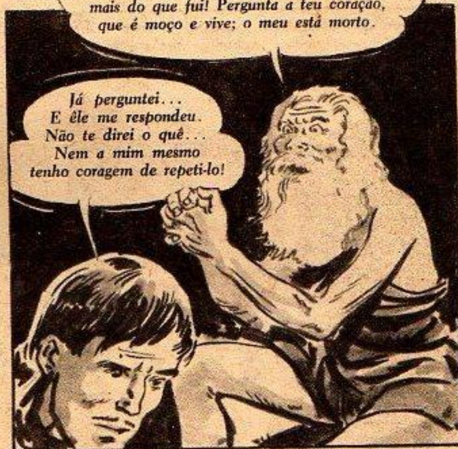


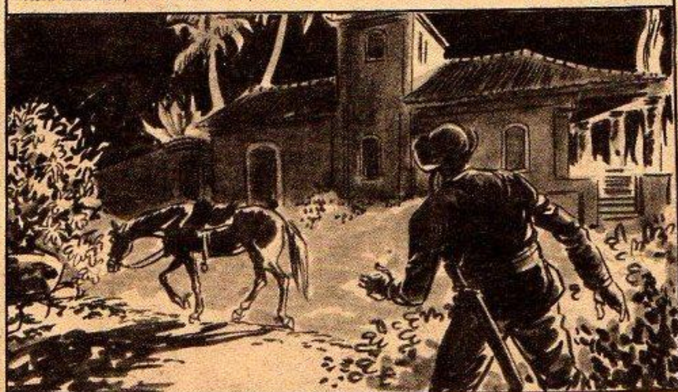









"Pensa em tua alma, Arnaldo!" — foi o que disse Jó. O sertanejo se demorou na caverna até à tarde, quando se despediu do velho e ganhou a mata. A essa hora, já os acostados da fazenda que o capitão-mor enviara à sua procura, desenganados de encontrá-lo, ou tinham voltado à casa ou andavam longe, a bater o mato. Arnaldo encontrou-se com sua mãe e com D. Flor, que já havia conseguido aplacar a cólera de seu pai. Mas Arnaldo teve de fugir novamente, porque se recusara a se ajoelhar perante o capitão-mor. E o sertanejo, indo ao lugar onde na véspera deixara Aleixo Vargas, o *Moirão*, seguiu-lhe o rasto que ia na direção da Fazenda do Bargado!



O Corisco, prático nessas emprêsas, agachado por entre o arvoredo aproximou-se até dar rebate aos cães da fazenda, que partiram em matilha a acuá-lo. Já Arnaldo, se aproveitando disso, acercou-se da casa com a cautela necessária para não ser pressentido.



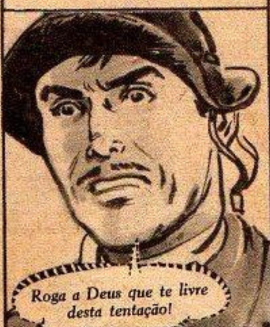

*Um dêsses próximos dias far-me-eis a graça de me acompanhar à Oiticica, onde irei pedir ao capitão-mor Campelo a mão de sua filha, a formosa Dona Flor!*

*À gentil noiva!*

*E à ventura de tão acertado himeneu!*

Foi heróico o esfôrço que fêz Arnaldo para se conter, ao ouvir o nome de D. Flor de envôlta com tais efusões. Reagindo ao violento impulso que o arrojava contra aquêles homens, afastou-se precipitadamente.

De longe, voltou-se. Na sala, à claridade das lâmpadas, destacava-se o vulto elegante de Marcos Fragoso, que se erguera da mesa. O sertanejo murmurou...




No dia seguinte, estava o capitão-mor Campelo sentado, como de costume, a uma cadeira de alto espaldar forrada de couro e colocada no patamar. O fazendeiro, terminado o jantar (que naquele tempo era ao meio-dia), fazia a sesta até passar a fôrça do sol e depois vinha se sentar ali, onde tratava dos negócios da propriedade. Nessa tarde, mandou êle chamar o Inácio Góis, que lhe servia de vaqueiro da fazenda desde a morte do Louredo, pai de Arnaldo.

Chegou o Inácio Góis, a quem o fazendeiro perguntou de chôfre pela Bonina, uma novilha de D. Flor, que estava desaparecida.

*É uma coisa que não se explica, senhor capitão-mor! Já bati todo êsse mato e nem sinal da novilha! Nunca se viu uma coisa assim! Faz a gente imaginar...*

*Não tem que imaginar, Inácio Góis! Se amanhã cedo a Bonina não estiver no curral, ficamos sabendo que o nosso vaqueiro só serve para curar bicheira!*

*Se o Arnaldo estivesse aqui, já êle a teria descoberto!*

O Agrela vira as meninas se dirigirem para o banco começou a andar pelo terreiro, ao lado do capelão; sua direção aparente era o muro levantado em volta do terreiro. Tinha êle, porém, uma linha objetiva, que seu olhar indicava a cada instante, fitando-se rápido, mas veemente, no formoso semblante de Alina. Padre Teles — talvez que por indícios anteriores — percebera a estratégia do tenente ajudante e se prestava de boa vontade à manobra. Foi mais adiante a complacência do capelão, pois, ao passarem junto dos bancos, deu-se por fatigado e sentou-se, indicando ao companheiro o lugar que ficava entre êle e a jovem. Aproveitando o ensejo, Agrela dirigiu algumas palavras rápidas a Alina...

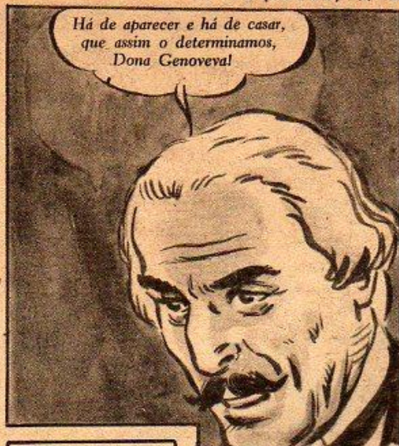
*Essa melancolia é pela ausência dêle? Tenho ordem de descobri-lo vivo ou morto!*

*Arnaldo!*

Mais tarde, o capitão-mor conversava com D. Genoveva.

*Desde que tivemos a desgraça de perder o Louredo, que o nosso gado anda à mercê de Deus. É tempo de pôr côbro a isso. Já guardamos o lugar de vaqueiro para o Arnaldo, que já está em idade de servi-lo Portanto, senhora, cuide com tôda presteza do enxoval da Alina, para casá-la quanto antes com o rapaz. É o que havemos resolvido.*

*O Arnaldo? Mas... êle não fugiu, senhor Campelo?*




No campanário da capela acabava de soar a última badalada da Ave-Maria. Nisso, longe, pela várzea além, começaram a ressoar as modulações afetuosas de uma voz que vinha aboiando. Alina estremecera, escutando os sons vibrantes da canção. Seu olhar, volvendo em tôrno, cruzou-se com o olhar de Agrela, que de longe a fitava; à súplica instante que se seguiu, o tenente ajudante opôs um pálido sorriso. Transida de susto por êsse sorriso, a moça murmurou ao ouvido de sua companheira...




Nas outras pessoas, o aboio não causara a menor impressão, como coisa muito comum no sertão. Alguns vaqueiros se lembraram de que êsse era o modo de cantar de Arnaldo. De repente, uns gritos no curral chamaram para ali a atenção. O capitão-mor inquiriu do Agrela a causa do rumor. "É a Bonina que apareceu" — disse o ajudante apontando para a novilha parada junto à cêrca.

Indagou o fazendeiro do caso; e Inácio Góis, insinuando-se como descobridor da Bonina, já começara uma história, quando D. Flor o atalhou...




O capitão-mor ergueu os olhos na direção indicada pela filha, e viu parado a pequena distância Arnaldo montado no seu cavalo. O mancebo tirou o chapéu e ficou imóvel. Então, o capitão-mor estendeu majestosamente a mão para Arnaldo, o qual, apeando, pronto veio beijá-la comovido. E o fazendeiro lhe disse paternalmente...




Depois de ter acariciado a Bonina, D. Flor se dirigiu aos seus aposentos e, ali, tomando um objeto que procurava, saiu com Alina em busca do casalinho da Justa, a mãe de Arnaldo.

Entrando no casalinho, Flor e Alina se encontraram com Justa que, avisada pelo rumor das vozes, acudia a recebê-las. Ao clarão do fogo aceso na cozinha, avistaram um vulto que ambas reconheceram. Flor abraçou sua mãe de leite e lhe entregou o objeto que trazia.

*Esta bôlsa, mamãe Justa é que eu trouxe do Recife para o Arnaldo. Eu tinha intenção de não lha dar mais, pela desobediência que êle praticou. Como êle encontrou a Bonina e voltou arrependido, entregue-a, de minha parte.*

*Obrigada, minha Flor! Êle vai ficar contente!*

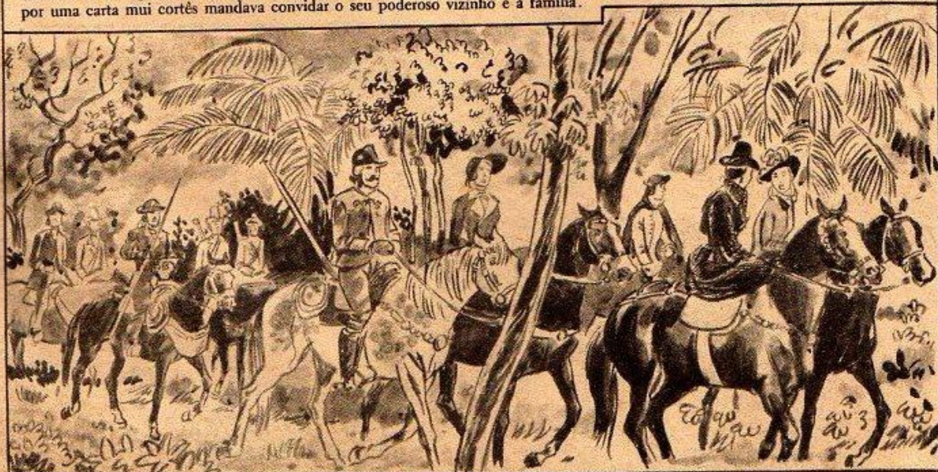
O vulto surgiu da sombra. Era Arnaldo, que tirou a bôlsa das mãos de Justa e a arremessou ao fogo.

*Pague aos seus criados!*

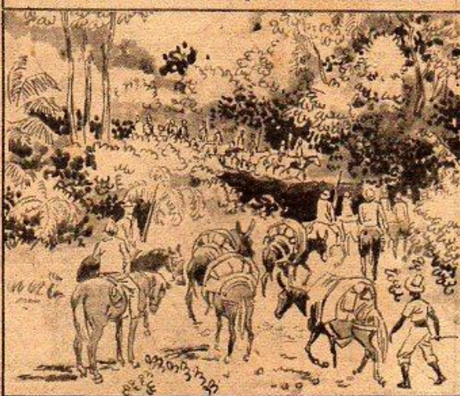
ARNALDO!

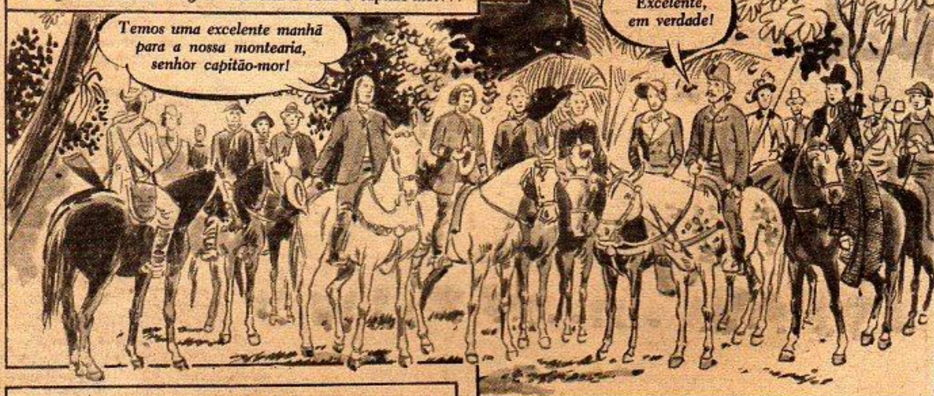
*Fêz bem... Êle não merecia uma lembrança minha!*

Raiava uma formosa madrugada. O capitão-mor ia a uma montearia ou vaquejada, que era a correria ao gado selvagem — chamado *barbatão* — que se espalhava pelos campos. Adiante, vão Flor e Alina; seguem-se D. Genoveva com o capitão-mor, e logo após o padre Teles, e o Agrela à frente de uma escolta. Ao chegarem à várzea, saíu-lhes ao encontro Arnaldo, que também se incorporou à comitiva. A idéia da montearia tinha partido do dono do Bargado, o capitão Marcos Fragoso, que por uma carta mui cortês mandava convidar o seu poderoso vizinho e a família.



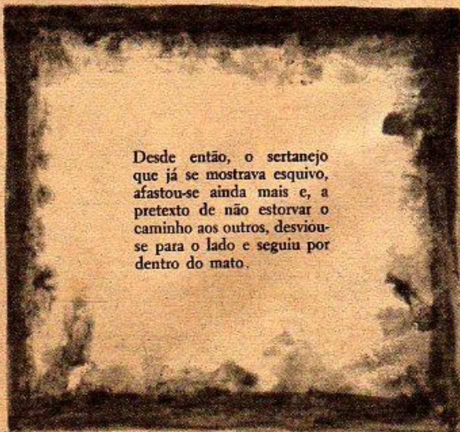
Tinha nascido o sol. A essa hora em que o capitão-mor com sua família seguia pelos tabuleiros em busca das margens do rio Quixeramobim, outra cavalgada, que partira de ponto diverso, caminhava na mesma direção; e, no passo em que, ia, com pouco devia cortar o rumo da primeira. Compunha-se esta outra cavalgada do capitão Marcos Fragoso e seus hóspedes e parentes. Também êles vinham encourados, isto é, vestidos à moda sertaneja.



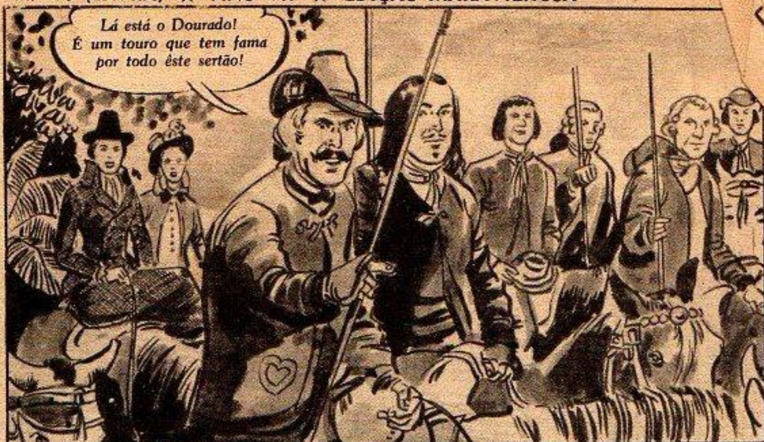





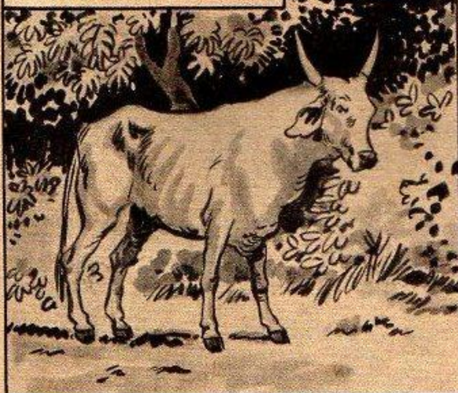




A cavalgada chegara a uma ligeira eminência donde se dominava tôda a planura em tôrno. A várzea estava coalhada de gado, que no comprido pêlo e no aspecto arisco mostrava ser *barbatão*. Depois de breve pausa, para descanso dos animais, os cavaleiros se preparavam para começar a montearia.

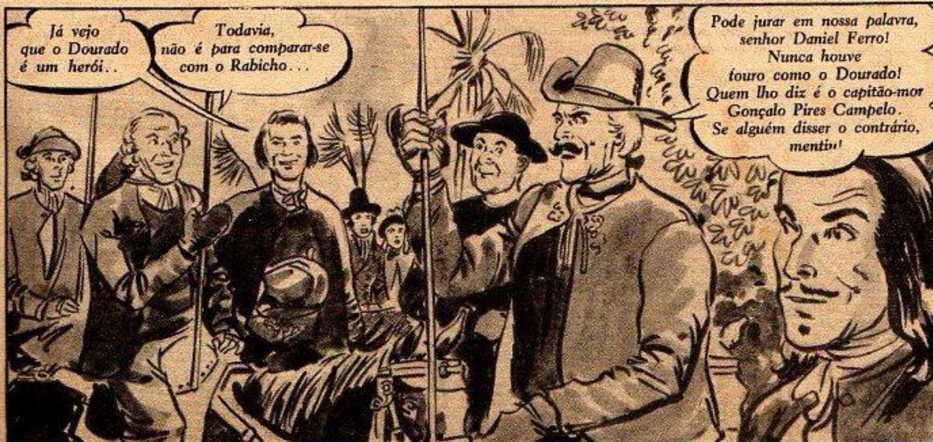



O Dourado era um touro alto e esguio. Êle conhecia o homem e estava acostumado a enfrentá-lo.



O capitão-mor falou com ufania...



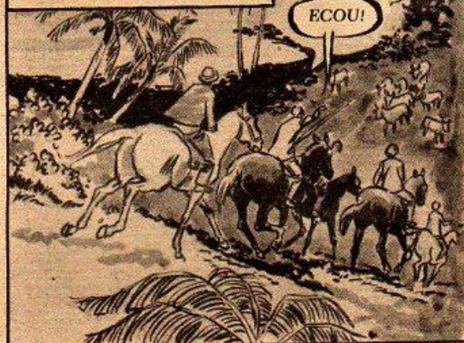









As vaquejadas do gado bravio, ou montearias como ainda as chamavam à moda portuguêsa e clássica, pouca diferença tinham quanto ao modo das que se fazem ainda agora no sertão, durante o inverno e depois. Naquele tempo, o gado *barbatão* se multiplicava com prodigiosa rapidez. E os vastos campos incultos, bem como as florestas ainda virgens, ofereciam às manadas selvagens refúgios impenetráveis. Daí provinham essas famosas correrias, tão celebradas nas cantigas sertanejas.




As senhoras ficaram na eminência, guardadas pela escolta e acompanhadas do padre Teles. D. Genoveva e D. Flor, juntamente com o padre Teles, se dispunham a ir campear as novilhas que pastavam ali perto.





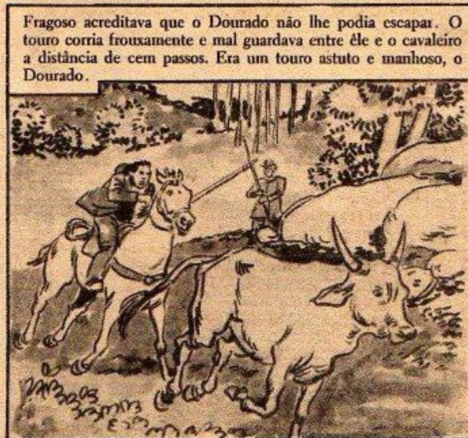

Alina proferiu esta frase com o mesmo tom de faceira melancolia, e tão queixoso, que Arnaldo se sentiu comovido.







Fragoso acreditava que o Dourado não lhe podia escapar. O touro corria frouxamente e mal guardava entre êle e o cavaleiro a distância de cem passos. Era um touro astuto e manhoso, o Dourado.



D. Flor aproximou-se de Arnaldo para, com uma palavra meiga e afetuosa, aplacar seu animo rispido. Mas, no momento em que chegava ao lado dêle, Arnaldo disparou colina abaixo, soltando êsse brado pujante que o sertanejo aprendeu do índio, seu antepassado. Quando o Dourado ouviu o brado de Arnaldo, conheceu que tinha homem em campo. E, abrindo a carreira, deixou o Fragoso a uma grande distância. Desde então, o Marcos Fragoso continuou a correr, mas já não era atrás do Dourado, e sim atrás do sertanejo.

Voltando o rosto, viu Arnaldo na fisionomia do capitão Fragoso a expressão de seu rancor, e respondeu-lhe com um sorriso de desprêzo. O Fragoso exclamou...

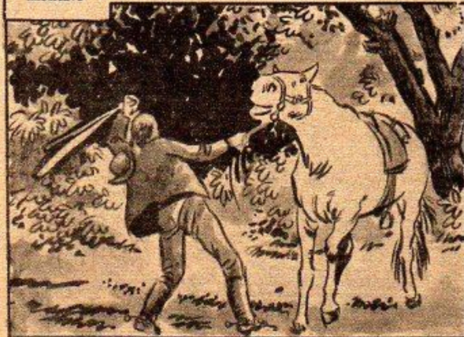


O capitão-mor, Daniel Ferro e Agrela, que já vinham atrasados, com a chegada do Arnaldo perderam a esperança não só de agarrar o touro como de seguir-lhe a pista. Resolveram, portanto, parar em um alto para acompanharem com a vista a corrida. O mesmo faziam D. Genoveva, D. Flor, Alina, o padre Teles, o João Correia e o Ourém, primo do capitão Fragoso. Era uma corrida vertiginosa, aquela. Touro e cavaleiro fugiam instantaneamente à vista que os fitava.

*Ecou! Ecou! Arriba, vaqueiro!*

*Assim, Arnaldo! Agüenta, rapaz!*

Quando Arnaldo, correndo atrás do Dourado, respondeu com palavras de desprêzo ao desafio de Fragoso, êste, já irado, teve tal acesso de cólera que acabou por apanhar talos de palmeira e com êles esbordoar o próprio animal em que montava



Quando parou, de extenuado, concentrou-se e refletiu. Marcos Fragoso viera ao Quixeramobim arrastado pela paixão que nêle acendera D. Flor. Várias razões haviam de pesar no ânimo do dono da Oiticica para aceitar a sua aliança: o grosso cabedal que ainda possuía êle, Fragoso, a vantagem de ter por vizinho na rica Fazenda do Bargado um parente próximo, e, finalmente, as prendas de mancebo e cavaleiro que muito valiam para noivo de uma filha mimosa e bem querida.

Efetivamente, o capitão Fragoso já tinha o seu plano feito. Mandou chamar de sua fazenda das Araras, no Inhamuns, o seu cabo de bandeira, Luís Onofre, com uma boa escolta de gente decidida. E, de uma conferência que havia tido com Luís Onofre, fôra combinado que Onofre se postaria de emboscada com sua escolta no lugar conhecido por Baús, em caminho da várzea do Quixeramobim. Na volta da montearia, o capitão Fragoso obteria sob qualquer pretexto uma audiência do capitão-mor. Se a resposta fôsse favorável, estava tudo resolvido; no caso de uma negativa, o Luís Onofre receberia um sinal convencionado. Então, ao passar D. Flor, o bandeirista arrebataria a donzela e partiria com ela para o Bargado, seguido por Marcos Fragoso. A intenção era casar-se imediatamente com D. Flor, para o que já tinha no Bargado um padre que mandara vir de Inhamuns.

O resultado de ter refletido, lembrando-se das providências que tomara, foi que Marcos Fragoso se conteve. Seu cavalo estava ali perto; foi-lhe fácil apanhá-lo. A pequena distância andada, veio-lhe ao encontro o primo Ourém.



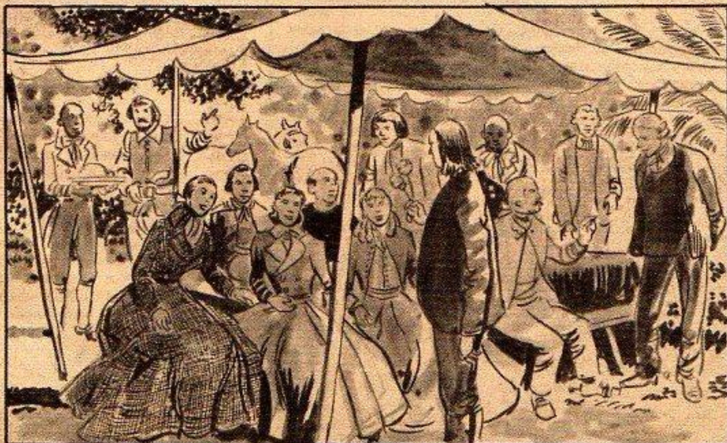

O capitão-mor, que o viu passar, gritou-lhe de longe...







Na ourela da mata, à sombra de umas grandes sucupiras copadas, tinham os criados do capitão Marcos Fragoso arvorado um tôldo de damasco amarelo, formando um vistoso pavilhão. Ali já estava armada a mesa. A vitela que forneceu a carne para o banquete fôra laçada pelo próprio capitão-mor e sangrada pelo Daniel Ferro. O banquete foi demorado.



Já estava a terminar o almôço, quando Arnaldo ouviu de longe os brindes que se trocavam os convidados. Aproximou-se cautelosamente por dentro do mato. Perto do baio de D. Flor estava um rapaz de vinte anos, que era um cigano desgarrado, e estava a fazer carícias ao baio. O sertanejo parou um instante a observar o cigano, e seguiu adiante. O capitão-mor foi quem primeiro o avistou.



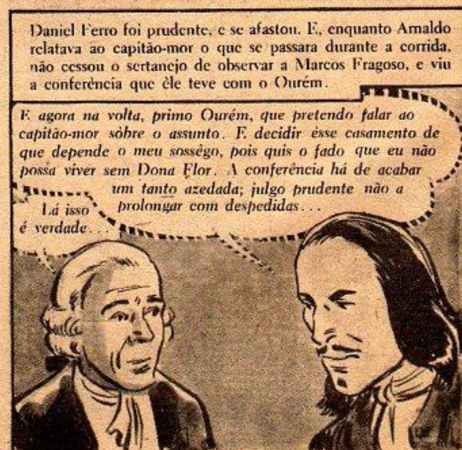









Daniel Ferro foi prudente, e se afastou. E, enquanto Arnaldo relatava ao capitão-mor o que se passara durante a corrida, não cessou o sertanejo de observar a Marcos Fragoso, e viu a conferência que êle teve com o Ourém.

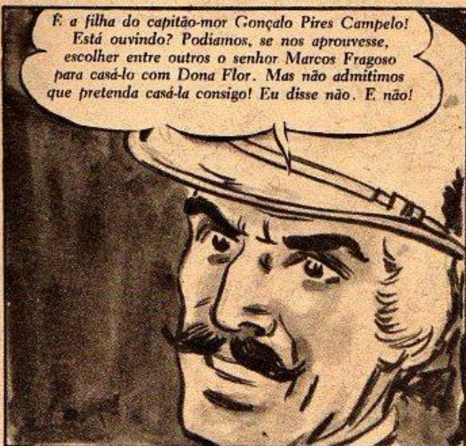


Instantes depois anunciou-se a partida. Tornou a comitiva pelo mesmo caminho. A cêrca de meia légua, da marizeira, onde as duas comitivas se haviam juntado, Marcos Fragoso, que seguia com o capitão-mor entretendo-o com uma conversa banal, fêz uma pequena pausa e mudou de tom.

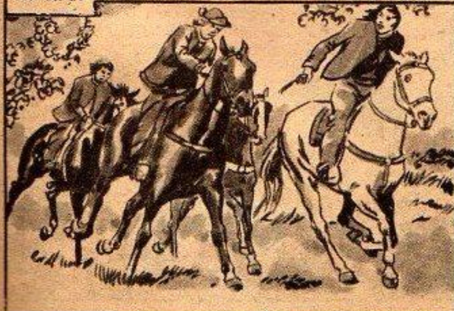









Fragoso calou-se. Com um movimento expressivo, tirou o chapéu e o conservou na mão. Soou então no mato o canto da saracura; e com pouca demora outro sinal lhe respondeu a cêrca de cinqüenta braças adiante: eram os sinais convencionados com sua gente para a emboscada. O moço capitão voltando à direita meteu-se pelo mato seguido de tôda a sua comitiva.



Enquanto isso, oculto nas vizinhanças da Fazenda do Bargado, o velho Jó espiava a casa da fazenda e seus arredores. Arnaldo lhe recomendara que observasse os movimentos do Luiz Onofre e da sua bandeira, pois suspeitava da vinda dessa gente. E Jó, tendo descoberto tôda a trama da emboscada, agiu a tempo de neutralizá-la. Assim, quando soara o grito da saracura, Marcos Fragoso supôs que D. Flor já fôra raptada, como o combinado. Mas não acontecera isso. E, daí a pouco, Arnaldo se encontrava no local onde deveria se ter dado o assalto traiçoeiro; o sertanejo ali acorrera ao ouvir certas batidas no chão, processo de comunicação à distância que o velho Jó usava.



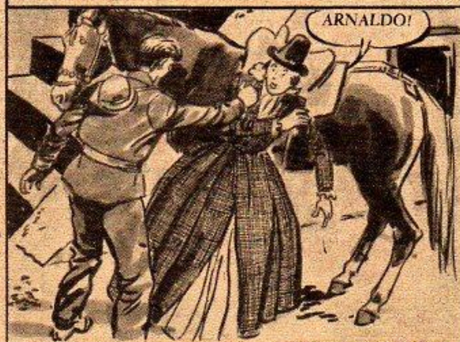

O velho referiu o que fizera: enquanto os bandeiristas aguardavam a passagem da comitiva, Jó fôra aos alforjes e tirara um caneco de aguardente à qual misturara suco de ramos de *tingui*; depois juntara aquela mistura à aguardente da vasilha grande e ao vinho, tendo o cuidado de as sacolejar. Tendo ouvido a explicação do velho, Arnaldo foi à várzea, matou um boi e o esfolou com rapidez; cortou o couro em correias com o que o sertanejo amarrou pés e mãos de todos os componentes da escolta, inclusive Rosinha, uma jovem cigana que havia sido a encarregada de saltar à garupa de D. Flor e impedi-la de gritar, na hora do rapto.

Depois de combinar com Jó o que lhes restava a fazer, Arnaldo deixou o velho no lugar da emboscada e voltou ao sítio onde havia ficado a comitiva. Ali chegou, como vimos, ao terminar o almôço, e contou ao capitão-mor a pega do Dourado. Desapareceu nessa ocasião, mas para acompanhar por dentro do mato e observar o jôgo do Fragoso. Viu o sinal dado por êste, com o chapéu; o moço cigano (que êle surpreendera afagando o cavalo de D. Flor,) oculto no mato também viu o sinal, soltou o grito da saracura e disparou a correr; o cavalo desta não o seguiu, porém, conforme êle esperava; mas seguiu-o Arnaldo que breve o alcançou e, derrubando-o da sela, deixou-o amarrado entre a folhagem. O sertanejo imitou então o canto da saracura, enquanto Jó espantava os cavalos emboscados que partiram à desfilada na direção do Bargado.

Passava do meio-dia quando o capitão-mor chegou com sua família a Oiticica. D. Flor dirigira o cavalo para baixo da árvore. Arnaldo a seguira, e, saltando em terra, ofereceu-lhe o ombro para que ela pudesse apear do cavalo. E, vendo umas flôres que Marcos Fragoso dera à jovem, disse-lhe com a voz suplicante...




Arnaldo ergueu-se de um ímpeto, e antes que pudesse dominar o violento impulso de sua alma, arrancou as flôres para jogá-las no chão. D. Flor, que já apeava, foi tomada de surprêsa. No primeiro assomo da indignação, não viu ali senão um homem que tivera a insolência de tocá-la.



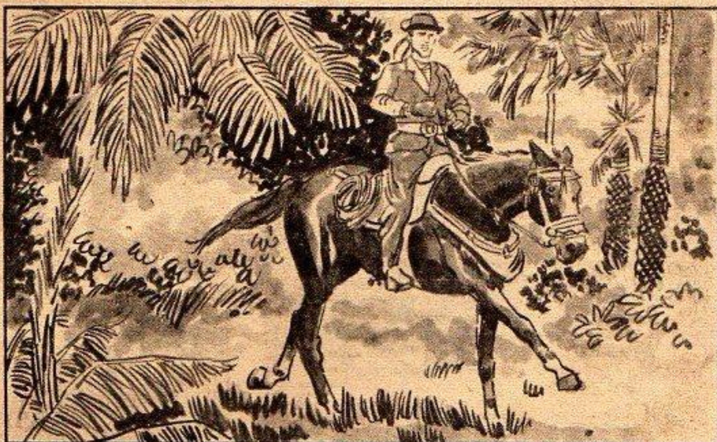









Ditas essas palavras, a donzela afastou-se. Então Arnaldo, saltando de novo na sela, meteu as esporas no Corisco, seu cavalo, e disparou ladeira abaixo. Correu direito ao Bargado. Ia resolvido a desafiar o Marcos Fragoso, matá-lo para vingar nêle a humilhação sofrida, e, depois, deixar-se matar para assim se punir do crime de haver punido D. Flor.



A Fazenda do Bargado, no entanto, estava deserta, e Arnaldo apenas ali encontrou a família de um vaqueiro inválido que ficara para guardar a casa. Disse-lhe a mulher que o capitão Marcos Fragoso havia partido uma hora antes para Inhamuns levando tôda a sua comitiva e mais o José Bernardo com a gente da fazenda. Eis o que sucedera: Marcos Fragoso esperava — ao se despedir do capitão-mor — alcançar pouco além dos Baús o Onofre e a escolta, que êle acreditava conduziam D. Flor, conforme o plano. Mas, ao descobrir os bandeiristas estirados no chão, no lugar da emboscada, e sòlidamente amarrados, entendeu que tinha sido burlado pelo capitão-mor. Isso o encheu de furor, e partiu para a sua Fazenda das Araras, dizendo que não poria os pés no Bargado senão depois de tirar sua desforra.

Entrementes, D. Flor entrava em seus aposentos, depois da repreensão que dera a Arnaldo. E, de repente, dois rocais de lágrimas aljofraram-lhe as faces. Por que chorava? — Foi a interrogação que dirigiu à sua consciência.



A donzela permaneceu algum tempo imóvel, completamente absorta. A pouco e pouco a figura do vaqueiro que a desacatara foi-se desvanescendo, e da névoa que se fêz na memória da jovem, surgiu o vulto de um menino de sete anos, vestido com um gibão de couro...



Esse menino era Arnaldo; e o gibão pertencia ao pai, o vaqueiro Louredo, que o deixara usar por estar velho e surrado. D. Flor, tornada também e em sua fantasia à idade feliz da inocência, olhava com espanto para aquêle pirralho. As recordações se sucediam no espírito de D. Flor, e a absorveram tanto que ao dar côbro de si achou-se no poial da janela, onde não tinha lembrança de se haver sentado...

Ao tempo dessas cenas de infância, que reviviam agora na memória de D. Flor, o sertão de Quixeramobim era infestado pelas correrias de uma valente nação indígena que se fizera temida desde o Cratius até o Jaguaribe. Era a nação *Jucá*. Resolvera o capitão-mor castigar os ferozes gentios, que viviam ameaçando a fazenda.




Os *jucás* foram derrotados e seu chefe, o terrível Anhamum (nome que na língua indígena significa "irmão do diabo"), ficou prisioneiro. Então mandou o capitão-mor conduzi-lo à Oiticica, onde foi metido no calabouço.



Arnaldo assistira ao combate e vira o denôdo do valente Anhamum, que lhe ganhou a admiração e a simpatia. E, quando ouviu dizer que o chefe dos *jucás* iria ser supliciado no dia seguinte, protestou a si mesmo salvar Anhamum.



O calabouço da fazenda ficava na extremidade do quartel. Era um poço coberto por um alçapão. Foi aí que atiraram Anhamum. Descido o alçapão, Aleixo Vargas, o *Moirão*, sentou-se em cima...



Fechou-se a noite. Arnaldo desde a tarde trabalhava na emprêsa em que se empenhara. Tinha êle meses antes descoberto uma galeria subterrânea que ia das raízes da oiticica (por dentro do tronco) até a um certo lugar por baixo do quartel, próximo ao calabouço. Cavando uns palmos à sua esquerda, deu com a muralha do poço e sem mais demora começou a arrancar a argamassa com a ponta da faca e a tirar os tijolos. À meia-noite estava concluído seu trabalho. Anhamum ouvira rumor, percebera a natureza do trabalho e, sem compreender a que devia a salvação, esperou-a. Arnaldo conduziu o selvagem fora da caverna e apontou-lhe a floresta, pronunciando uma palavra tupi: "Taigoara!", que significa "livres!" O selvagem, com um dente de seu colar de guerra, sarjou a pele fazendo uma simbólica marca por cima do peito esquerdo e afastou-se proferindo uma palavra "coapara", cujo sentido só mais tarde Arnaldo veiu a saber ser "camarada," "amigo". Horas depois se descobriu a evasão, que deixou a todos perplexos.

Tempos depois morreu Louredo. Arnaldo sofreu muito. E certa vez, passou fora oito dias. Foi dessa vez que, vagando pelo campo, encontrou atirado ao chão um homem quase agonizante. É que o velho, resolvido a deixar-se morrer, armara um laço, cruzara os pulsos nas costas e, metendo-os na corda, fizera disparar o nó que lhe atara as mãos. Arnaldo o desamarrou...

*Quem o amarrou?*

*Eu mesmo. Eu queria morrer... Mas é horrível! Tenho sêde!*

Arnaldo salvou o infeliz e o persuadiu a acompanhá-lo. Jó — pois era êle — sentiu desde logo uma atração irresistível por êsse menino. Jó serviu de mestre a Arnaldo. Foi de Jó que Arnaldo recebeu conhecimentos irregulares, sem método e ligação, porém superiores aos que se encontravam no sertão por aquêle tempo em pessoas do povo.

*De onde veio você?*

*Eu tinha uma cabana... Os malditos puseram-lhe fogo para queimar-me vivo!*

De novo espalhara-se o terror pelos campos de Quixeramobim. Anhamum, o feroz chefe dos *jucás*, voltara à frente de quinhentos arcos, e dessa vez para assaltar a Oiticica e tirar a desforra. O capitão-mor se preparou para receber os selvagens, os quais não se fizeram esperar. Uma noite chegaram êles à margem do rio Sitiá e, no dia seguinte, as casas da fazenda estavam cercadas. Acontece que o *Moirão* foi aprisionado pelos índios e Arnaldo o salvou, graças ao reconhecimento de Anhamum. Arnaldo já sabia a língua dos selvagens, que aprendera com o velho Jó.

*Quando careceres do braço de Anhamum, envia-lhe esta seta, que êle correrá a defender-te!*



Eram essas as recordações que D. Flor repassava na memória. Depois, ela refletiu...
Eu, a filha do capitão-mor Campelo, daqui em diante devo manter distância entre mim meu irmão de leite! Não posso ver em um vaqueiro senão um agregado da fazenda! Nada mais que isso!






D. Genoveva chamou a filha e a levou à presença do capitão-mor, que esperava sentado no canapé.
Minha filha, a senhora chegou à idade de tomar estado. Procuramos-lhe um marido, digno daquela a quem mais prezamos no mundo. Lembramo-nos de seu primo Leandro, filho do falecido Cosme Barbalho, homem de prol, a quem o filho não desmentiu nas obras.
Aceito, meu pai. Basta ser de sua escolha para que eu o tenha no melhor conceito.




Campelo comunicou à filha que mandara um portador com carta ao Leandro Barbalho, o qual breve estaria na Oiticica.
À noite, pouco antes do toque de recolher chegaram à Oiticica dois viajantes: uma dama a cavalo e um velho a pé. A dama, que trajava de luto, ajoelhou-se aos pés do capitão-mor.
Sou uma desventurada que vem pedir ao capitão-mor agasalho e proteção contra meus perseguidores!
Agasalho terá. Proteção, a darei, se a merecer. Mas primeiro diga para o que a pede, mulher!



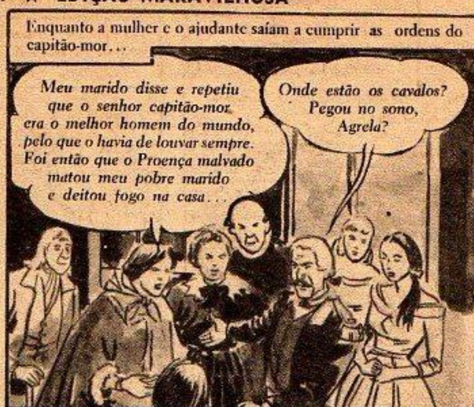

Com a justiça infalível do senhor capitão-mor conto eu! Estou sem marido, e na maior penúria só porque em minha casa se venerava acima de tudo o nome do capitão-mor Gonçalo Pires Campelo!
Que diz, mulher?




É verdade. Vossa senhoria talvez não se lembre de meu marido, o Tomás Nogueira. Apareceu por lá, êste ano, um tal Proença que foi tôda a nossa desgraça. Êsse homem, não sei por que, tinha raiva do senhor capitão-mor! Um dia, apresentou-se em nossa casa com três cabras, e...




Enquanto a mulher e o ajudante saíam a cumprir as ordens do capitão-mor. . .




D. Genoveva, apesar de habituada a essas sortidas, afligira-se com aquela partida tão precipitada. Não se animando a se opor diretamente à resolução do marido, incumbiu D. Flor da difícil missão. D. Flor apenas disse ao pai que seria dar muita importância a um vilão ir buscá-lo. Bastaria que uma escolta o fôsse prender. . . E o capitão-mor resolveu que mandaria o Agrela fazer isso.

Deu o capitão-mor suas ordens, e o ajudante se preparou para sair com uma escolta de cinqüenta homens. Arnaldo chegava nesse momento, e logo que viu Águeda (êsse o nome da viúva de Tomás Nogueira) experimentou uma sensação estranha. Quando soube da partida do Agrela, ficou preocupado.





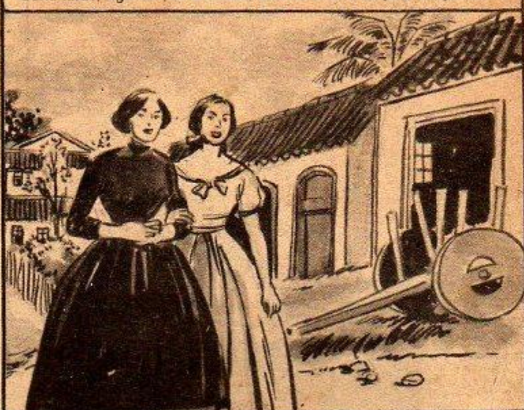


O ajudante Agrela era homem para compreender semelhante susceptibilidade.



Três dias tinham decorrido depois da partida de Agrela, que fôra ao lugar indicado pela viúva Águeda para prender o matador do marido desta. Águeda se se insinuara por tal modo na afeição de D. Flor que esta não a deixava. Alina, com ciúmes dessa preferência se afastava amuada; assim, passavam as duas a maior parte do dia a sós. A instância de Águeda, D. Flor saia com ela a passeio pelos arredores da casa. Arnaldo desde o primeiro dia acompanhou ocultamente êsses passeios, pois desconfiava da verdadeira identidade de Águeda. E, na verdade, "a viúva" era uma impostora contratada pelo Luís Onofre, cabo da bandeira ao serviço de Marcos Fragoso! Ela era, na realidade, a cigana Rosinha, aquela mesma que deveria ajudar no rapto de D. Flor, por ocasião da fracassada emboscada ordenada por Fragoso. E o "velho" que agora a acompanhava era José, seu irmão e cúmplice de crimes.

Certa tarde, Águeda (ou Rosinha) convidou D. Flor para um passeio...



Entrementes, Arnaldo estava longe, tendo ido procurar Jó...

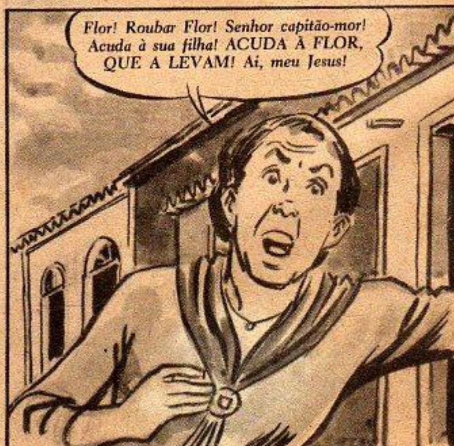




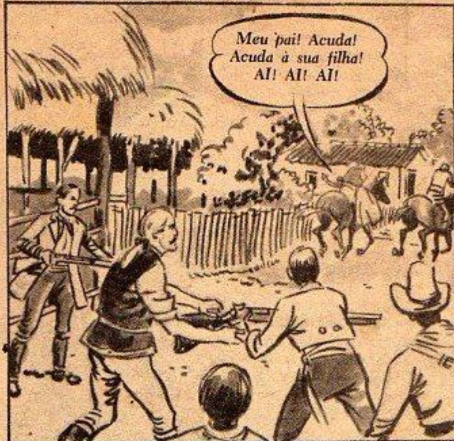


Arnaldo encaminhou-se direito à habitação da fazenda, tomado de cruel pressentimento. Em certo lugar encontrou sua mãe.















Tão medonho era o aspecto de Arnaldo que a cigana, ao vê-lo, fugiu espavorida, levando enleada no braço a capa de D. Flor. A cigana tinha desaparecido. E as falas que já se ouviam dos cavaleiros advertiram a Arnaldo que para salvar D. Flor não havia um instante a perder. A poucos passos encontraram Jó que os buscava. Arnaldo levou a jovem a um fojo abandonado de caçador e a escondeu lá.

Entretanto, o capitão-mor continuava no encalço do cavaleiro que levava aquela que êle supunha ser sua filha. Já era noite, quando êle avistou o perseguido; e, ferrando as esporas no seu cavalo, atroou os ares com um grito medonho. Respondeu-lhe uma voz de mulher: "Salve-me, capitão-mor, e a sua filha também, que lá ficou nas mãos do Fragoso!" Era a voz de Águeda! Campelo tinha estacado o cavalo e não sabia o que resolver. Foi D. Genoveva que tomou o alvitre de retroceder.

Quando Arnaldo conduziu Flor à casa da fazenda, ali acabava de chegar o Leandro Barbalho. Mais tarde é que chegaram o capitão-mor e D. Genoveva.



No dia seguinte...




Nisso, chega o Arnaldo...




Uma hora depois do aviso de Arnaldo, avistou-se uma grande nuvem de poeira; era o Marcos Fragoso com sua bandeira. Depois de longa espera, apareceu uma pequena escolta que vinha do campo inimigo e se dirigia à Fazenda da Oiticica, agitando uma grande bandeira branca. O capitão-mor levantou o braço e apontou o bacamarte. Foi Arnaldo que lançou a mão ao cano da arma a tempo de evitar o tiro.



O Manuel Abreu foi ao encontro do emissário que vinha parlamentar. Não era outro senão o licenciado Ourém, que vinha pôr à prova sua diplomacia.







Ourém compreendeu que nada mais ali tinha a fazer. Despediu-se e tornou ao campo do Fragoso. Ao cair da noite anunciou-se novo emissário, portador de uma carta do capitão Marcos Fragoso para o dono da Oiticica.

Na carta, era dado um prazo de três dias para que a decisão do capitão-mor fôsse reconsiderada. O padre Teles, depois de ler a carta, foi de opinião que não valia a pena resistir aos atacantes. Quanto a Leandro Barbalho..




O capitão-mor chamou a filha em voz alta e mandou que o capelão lesse a carta de novo. Após isso...




Entretanto, Arnaldo, valendo-se da noite, rompera o cêrco dos inimigos e fôra ao encontro do chefe Anhamum e seus guerreiros cuja aproximação pressentira.



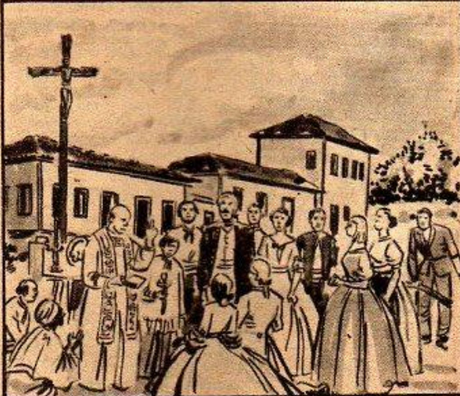

Combinou o sertanejo com o selvagem um plano de ataque. Despachou-se também um guerreiro para ir ao encontro do Agrela, que Arnaldo supunha já estar àquela hora de volta. Arnaldo regressava satisfeito à fazenda: tinha a sorte do Fragoso em sua mão. Imagine-se, pois, o golpe que o trespassou quando ficou sabendo que D. Flor consentia em se casar com o primo Leandro Barbalho.

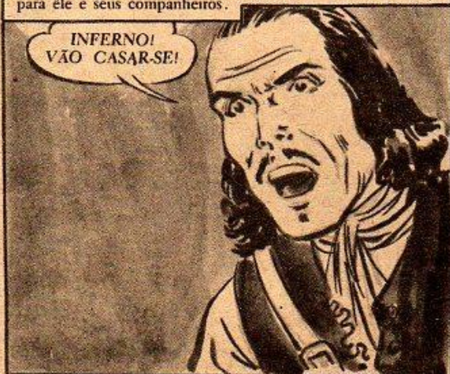
Tinha nascido o sol. No patamar assomara o vulto do capitão-mor, que trajava a sua farda de veludo escarlate; com êle saíra D. Genoveva, também vestida de gala. Apareceu então D. Flor, radiante de formosura. Pousava a mão no braço de Leandro Barbalho, também trajado com apuro. A êsse tempo, padre Teles saía da capela acompanhado do sacristão. Ia ser celebrado o casamento de D. Flor com Leandro Barbalho. O altar fôra armado ao ar livre, no terreiro.












A bandeira do Onofre, com o Marcos Fragoso à frente, deu a primeira descarga e carregou para avançar. Ao estrondo da fuzilaria, houve no terreiro da Oiticica uma confusão geral.

Mas o capitão-mor bradou com uma voz formidável...




O capitão-mor com a gente da escolta acudiu a postos. E travou o combate com os assaltantes. As descargas se sucediam com rapidez de um e outro lado, cruzando um fogo rolante que se tornava cada vez mais mortífero à proporção que diminuía a distância entre os dois bandos.

Mais rude e terrível combate era o que nêsse instante se dava nalma de Arnaldo. Crivado ao solo, no meio das balas que lhe zuniam aos ouvidos, os olhos saltando de D. Flor a Leandro Barbalho...




Entretanto, o capitão-mor disparava um após outro seus três famosos bacamartes o "Jacaré", o "Farol" e o "Trovão", que tinham tais nomes devido a terem, o primeiro, uma bôca muito grande; o segundo, uma luz forte, ao ser disparado; e, o terceiro, a dar tiros que mais pareciam ribombos.

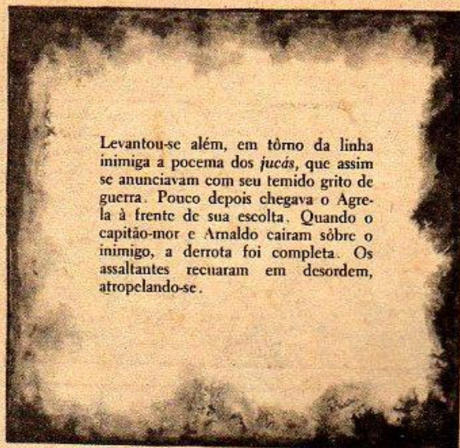


O sacerdote levantou a ponta da estola e ia unir a mão de D. Flor à de Leandro Barbalho. Mas não chegou a uni-las. Soara rápido um sibilar: uma seta fina, cortando os ares, picara a artéria cervical do sobrinho do capitão-mor. O mancebo caiu como que fulminado.

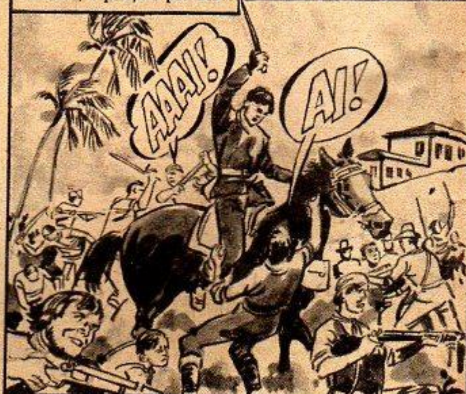



Mais tarde, a poucos passos da fazenda, Arnaldo se encontrou com o velho Jó.

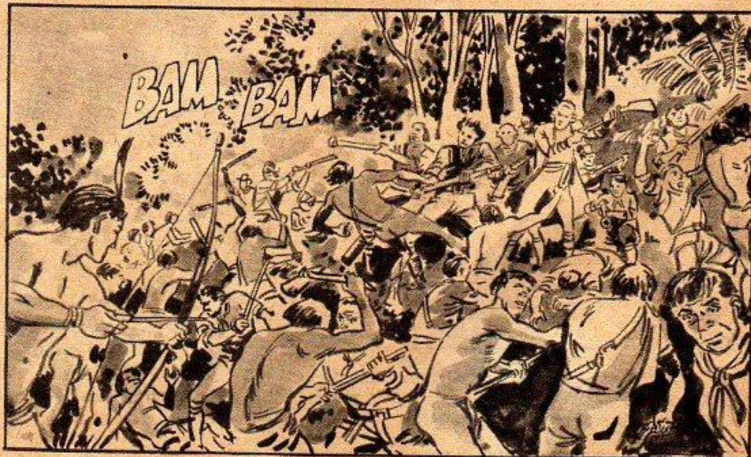



O sertanejo se desforrava do tempo que perdera, imóvel, no terreiro, e pelejava por dez.




Enquanto Campelo, com Arnaldo e Agrela, acossava os fugitivos, o chefe Anhamum com seus guerreiros despojava os cadáveres, de que estava o campo juncado.



O corpo de Leandro Barbalho não foi encontrado. Foi só por tarde que o capitão-mor voltou de perseguir o inimigo, e já sabia pelo Agrela de tudo quanto Arnaldo fizera para prevenir o assalto e rechaçá-lo com vantagem. Assim, vendo aproximar-se o sertanejo, foi ao seu encontro.







Um leve desmaio perpassara o formoso semblante de D. Flor. Quanto a Alina, sentira-se como envôlta por uma chama. Foi cruel o desencanto de Alina quando, ao tornar a si da comoção produzida pelo pedido de Arnaldo, sentiu sua mão na mão do Agrela, onde a pusera o capitão-mor. Este ainda perguntou a Arnaldo o que desejava para si próprio...




Era então ao pôr-do-sol. Flor, que pouco antes se apartara do grupo da família, fôra sentar-se no banco da oiticica. Arnaldo aproximou-se.




No transporte de júbilo que lhe inundou a alma, o sertanejo alçou as mãos cruzadas para render graças ao Deus que lhe conservava pura e imaculada a mulher de sua adoração.

O sertanejo interrogou o semblante de Flor...




**As adaptações de romances ou obras clássicas para a EDIÇÃO MARAVILHOSA são apenas um "aperitivo", um deleite para o leitor. Se você gostou, procure ler o próprio livro, adquirindo-o em qualquer livraria. E organize a sua biblioteca — que uma boa biblioteca é sinal de cultura e bom gôsto.**

## RELAÇÃO COMPLETA DE

# EDIÇÃO MARAVILHOSA

## (CLÁSSICOS ILUSTRADOS)

* * N.º 1 — *Os Três Mosqueteiros* — Alexandre Dumas
* * N.º 2 — *O Conde de Monte Cristo* — Alexandre Dumas
* * N.º 3 — *Ivanhoé* — Sir Walter Scott
* * N.º 4 — *Moby Dick* — Herman Melville
* * N.º 5 — *Robin Hood* — Anônimo
* * N.º 6 — *A Ilha Misteriosa* — Júlio Verne
* * N.º 7 — *O Príncipe e o Mendigo* — Mark Twain
* * N.º 8 — *A Queda da Bastilha* — Charles Dickens
* * N.º 9 — *As Mil e Uma Noites* — Lendas Árabes
* * N.º 10 — *Vinte Mil Léguas Submarinas* — Júlio Verne
* * N.º 11 — *A Cabana do Pai Tomás* — Harriet Beecher Stowe
* * N.º 12 — *As Aventuras de Marco Pólo* — Marco Pólo
* * N.º 13 — *O Corcunda de Notre Dame* — Victor Hugo
* * N.º 14 — *Os Irmãos Corsos* — Alexandre Dumas
* * N.º 15 — *3 Mistérios Famosos* — Maupassant, Poe e Conan Doyle
* * N.º 16 — *Um Yankee na Côrte do Rei Arthur* — Mark Twain
* * N.º 17 — *Os Últimos Dias de Pompéia* — Edward Bulwer Lytton
* * N.º 18 — *Robinson Crusoé* — Daniel Defoe
* * N.º 19 — *David Copperfield* — Charles Dickens
* * N.º 20 — *Viagens de Gulliver* — Jonathan Swift
* * N.º 21 — *O Morro dos Ventos Uivantes* — Emily Bronte
* * N.º 22 — *Raptado* — Robert Louis Stevenson
* * N.º 23 — *Miguel Strogoff* — Júlio Verne
* N.º 24 (2.ª Edição) — *O Guarani* — José de Alencar
* * N.º 25 — *O Máscara de Ferro* — Alexandre Dumas
* * N.º 26 — *A Flecha Negra* — Robert Louis Stevenson
* * N.º 27 — *Novelas* — Edgard Allan Poe
* * N.º 28 — *Vinte Anos Depois...* — Alexandre Dumas
* * N.º 29 — *A Família do Robinson Suíço* — Johann Rudolf Wyss
* * N.º 30 — *Alice no País das Maravilhas* — Lewis Carroll
* * N.º 31 — *Iracema* — José de Alencar
* * N.º 32 — *Aventuras de Benvenuto Cellini* — Benvenuto Cellini
* * N.º 33 — *Os Miseráveis* — Victor Hugo
* * N.º 34 — *O Médico e o Monstro* — Robert Louis Stevenson
* * N.º 35 — *Tom Sawyer* — Mark Twain
* * N.º 36 — *A Tulipa Negra* — Alexandre Dumas
* * N.º 37 — *A Volta do Mundo em 80 Dias* — Júlio Verne
* * N.º 38 — *Os Mistérios de Paris* — Eugène Sue
* * N.º 39 — *O Homem Que Ri* — Victor Hugo
* * N.º 40 — *O Castelo Invencível* — R. D. Blackmore
* * N.º 41 — *Grandes Esperanças* — Charles Dickens
* * N.º 42 — *O Homem Sem Pátria* — Everett Hale
* * N.º 43 — *Trabalhadores do Mar* — Victor Hugo
* * N.º 44 (Extra) — *Capitão Blood* — Rafael Sabatini
* * N.º 45 — *Cyrano de Bergerac* — Edmond Rostand
* * N.º 46 — *O Tronco do Ipê* — José de Alencar
* * N.º 47 (Extra) — *Beau Geste* — P. C. Wren
* * N.º 48 — *A Mansão das Sete Cumeeiras* — Nathaniel Hawthorne
* * N.º 49 — *Frankenstein* — Mary W. Shelley
* * N.º 50 (Extra) — *Scaramouche* — Rafael Sabatini
* * N.º 51 — *O Lôbo do Mar* — Jack London
* * N.º 52 — *O Escaravelho de Ouro e Outros Contos* — Edgar Allan Poe
* * N.º 53 (Extra) — *Ela, a Feiticeira* — Sir Henry Ridder Haggard
* * N.º 54 — *O Prisioneiro de Zenda* — Anthony Hope
* * N.º 55 — *Mowgli, o Menino Lôbo* — Rudyard Kipling
* * N.º 56 (Extra) — *O Pimpinela Escarlate* — Baronesa de Orczy
* N.º 57 — *Ubirajara* — José de Alencar
* * N.º 58 — *A Dama do Lago* — Sir Walter Scott
* N.º 59 (Extra) — *Quo Vadis?* — Henryk Sienkiewicz
* * N.º 60 — *Três Obras Completas* — W. Shakespeare
* N.º 61 — *Sob Duas Bandeiras* — Maria Louisa de La Ramée (Ouida)
* N.º 62 (Extra) — *Amor de Perdição* — Camilo Castelo Branco
* N.º 63 — *Oliver Twist* — Charles Dickens
* N.º 64 — *Nada de Novo na Frente Ocidental* — Erich Maria Remarque
* * N.º 65 (Extra) — *Ben-Hur* — Lew Wallace
* N.º 66 — *Crime e Castigo* — F. Dostoievski
* N.º 67 — *O Morgado de Ballantrae* — Robert Louis Stevenson
* N.º 68 (Extra) — *Os 39 Degraus* — John Buchan
* * N.º 69 — *Jane Eyre* — Charlotte Bronte
* N.º 70 — *O Cão dos Baskervilles* — Conan Doyle
* N.º 71 (Extra) — *A Moreninha* — Joaquim Manoel de Macedo
* N.º 72 — *Caninos Brancos* — Jack London
* N.º 73 — *A Glória de Um Covarde* — Stephen Crane
* N.º 74 (Extra) — *Svengali* — George du Maurier
* N.º 75 — *A Mulher de Branco* — William Wilkie Collins
* N.º 76 — *Os Pioneiros* — James Fenimore Cooper
* N.º 77 (Extra) — *A Marca do Zorro* — Johnston McCulley
* N.º 78 — *A Ilíada e a Odisséia* — Homero
* N.º 79 — *O Diamante Fatal* — William Wilkie Collins
* N.º 80 (Extra) — *O Monge de Cistér* — Alexandre Herculano
* N.º 81 — *O Claustro e o Lar* — Charles Reade
* N.º 82 — *Dois Anos ao Pé do Mastro* — Richard Henry Dana Junior
* N.º 83 (Extra) — *O Gaúcho* — José de Alencar
* N.º 84 — *Da Terra à Lua* — Júlio Verne
* N.º 85 — *As Minas do Rei Salomão* — Sir Henry Ridder Haggard
* N.º 86 (Extra) — *Cabocle* — Ribeiro Couto
* N.º 87 — *Júlio César* — William Shakespeare
* N.º 88 — *Guilherme Tell* — Frederich Schiller
* N.º 89 (Extra) — *Cangaceiros* — José Lins do Rego
* N.º 90 — *Salambô* — Gustave Flaubert
* N.º 91 — *A Companhia Branca* — A. Conan Doyle
* N.º 92 (Extra) — *A Escrava Isaura* — Bernardo Guimarães

Os números precedidos por um asterisco (*) estão esgotados, mas serão reeditados oportunamente.
O preço de qualquer dos números atrasados é de Cr$ 5,00.
Preço de venda avulsa: Cr$ 5,00.
Preço de assinatura anual: Cr$ 90,00 (12 números normais e 6 extras).
Pedidos de números atrasados podem ser pagos em carta, que deve ser Registrada com valor declarado.
Pagamentos de assinatura devem ser feitos em Cheque Visado, Vale Postal ou Carta com Valor Declarado.



**EDITORA BRASIL-AMERICA LIMITADA**
**Rua General Almério de Moura, 302 — (São Januário) — Rio de Janeiro**
**Distrito Federal**